



# **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO FRANCÊS

## ***Tom à laferme* – tradução de uma obra teatral**

Projeto Final do Curso de Tradução

**Aluna: Mayla Almeida Cataldi Morais de Oliveira 10/0036945**

**Orientador: Marcos Bagno**

Brasília, julho de 2015

À minha filha;  
Minha mais bela razão de superação diária.

## AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio absoluto.*

*Ao meu orientador Marcos Bagno pela paciência, disposição e confiança depositadas. Você me mostrou o caminho.*

*A todos os professores do curso de Letras-tradução da Universidade de Brasília que compartilharam conhecimento ao longo desses anos.*

*Aos meus amigos, pelo apoio em todos os momentos, mesmo quando estive ausente.*

*Ao meu companheiro Marcos pelo suporte emocional e minha filha Mariah por alegrar meus dias.*

## SUMÁRIO

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| 1. Introdução.....                 | 5  |
| 2. Texto traduzido.....            | 8  |
| 3. Relatório da tradução .....     | 52 |
| 4. Referências bibliográficas..... | 61 |
| 5. Anexo – Texto de partida.....   | 62 |

## 1. INTRODUÇÃO

A tradução encontra sua importância nos inúmeros domínios da vida social, pois ela é oriunda da necessidade de um diálogo entre povos. Entre o escuro mundo do desconhecimento e a luz esclarecedora representada através de palavras, existe o ser que se encarrega desse processo de criação, recriação, interpretação, mediação, reconstrução, substituição e ousadia: o(a) tradutor(a).

O ato de traduzir é o resultado do malabarismo feito entre dois universos. Não se caracteriza apenas como um processo interlingual, é mais que uma transposição. É uma arte. Necessita, para tanto, de envolvimento, conhecimentos técnicos e criatividade. O tradutor precisa abranger o domínio intercultural, em que se faz imprescindível considerar aspectos sociais e culturais no que diz respeito aos diferentes comportamentos linguísticos e ao processo tradutório. Daí surge a visão do tradutor como pesquisador, um ser que lida com o desconhecido como a sua maior motivação, que se desafia em um discurso, que se arrisca com a expectativa do leitor, que entra no jogo ambíguo da correspondência, nem sempre exata.

Neste trabalho proponho uma tradução da obra teatral *Tom à laferme*, de Michel Marc Bouchard, valendo-me da análise do texto e das reflexões acerca dos termos nele contidos que significaram um verdadeiro desafio para mim, no papel de tradutora.

Bacharel em Teatro na Universidade de Ottawa, Bouchard iniciou a escrita dramaturgica em 1983. Atualmente seu repertório abrange 25 peças de muito sucesso, entre elas *Les Feluettes* (1987), *Les Musesorphelines* (1988), *Le Chemindes Passes-dangereuses* (1998) e *Tom à laferme* (2011), que lhe renderam reconhecimento e o título de um dos dramaturgos quebequenses mais importantes do fim do século XX e início do século XXI.

Suas obras foram traduzidas em várias línguas e constantemente encenadas em alguns países como França, Itália e Japão.

Nascido em 2 de fevereiro de 1958 na cidade de Saint Coeur de Marie, no Quebec, Michel Marc Bouchard já deu aulas em Roma e Barcelona, e hoje

ministra cursos de escrita, desde 2006, na Escola Nacional de Teatro do Canadá.

Em 2009 Bouchard escreveu *Tom à la ferme*, uma peça dramática que foi apresentada inicialmente nos teatros canadenses, e que mais tarde, em 2013 recebeu uma adaptação para as telas do cinema. Assim como toda transposição para o longa-metragem, *Tom à la ferme* difere em alguns aspectos nessas duas formas de apresentação. Algumas dessas dissemelhanças serão tratadas aqui.

A peça apresenta a história de Tom, um publicitário de Montreal que vai para o interior do Quebec participar do funeral de seu namorado. No entanto, a mãe do rapaz morto não sabeda orientação sexual do filho, e nem sequer conhece Tom. O protagonista, percebendo a situação, apresenta-se como um colega de trabalho do morto. A partir de então, Tom envolve-se numa trama de mentiras, neuroses e intrigas que coloca sua própria vida em perigo em meio a brigas violentas e ameaçadoras com o homofóbico Francis, irmão mais velho do morto.

A obra apresenta linguagem informal, fluida, representando a comunicação oral dos personagens. Há, no entanto, diversas gírias, expressões idiomáticas típicas do Quebec, reduções de termos e palavrões, que foram fielmente retratados no filme, dirigido por Xavier Dolan, o próprio intérprete do personagem Tom.

Na peça de Bouchard o filho morto não tem nome. Essa é a primeira peculiaridade que impressiona. Francis o chama de “*petitfrère*”, enquanto Agathe, a mãe, o retrata sempre com o pronome “Ele”. Assim, o autor nos propõe uma indagação sobre a real existência do namorado de Tom, ou se é um “pretexto” para abordar a questão homossexual em uma perspectiva mais geral e ao mesmo tempo mais intensa, verossímil e impactante. Em contrapartida, no longa-metragem o morto recebe o nome de Guillaume.

Há também um maior número de diálogos na peça do que no filme, pois certos detalhes simplesmente se tornaram imagens na adaptação, por exemplo no trecho inicial da peça:

*“Manteiga. Manteiga em cima da mesa. Uma mancha. Amarela, suja, mole. Não chego a olhar pra fora. Só tenho vontade; fazê-la desaparecer. Não tem mosquito. É outono.*

*Eu imagino um em cima da faca. Começo a pensar em outra coisa. Só de falar que penso em outra coisa, é como se as outras coisas viessem me assombrar com mais força. Me obsidiar. Me atormentar. O mosquito vem. (tempo) Eu imagino você quando era pequeno. Você tentando subir em cima do balcão da pia. Querendo um copo de leite. Um biscoito. Você sobe no balcão. Sua mãe te diz: “Você é muito pequeno! Vai se machucar! Desce daí! Vai se machucar!” (tempo) Não. Não. Não pode ser. Eu estou na sua casa, e não pode ser.*

Esse trecho carregado de adjetivos é simplesmente substituído por uma imagem de Tom sentado à mesa, contemplativo, com uma expressão facial intrigante e intensa, como quem estivesse sentindo toda a emoção contida na fala que caberia a ele na versão teatral.

Por outro lado, o filme tem uma atmosfera mais escura e aterrorizante que a peça. O diretor escolheu retratar o desejo – não apenas o homossexual, mas o desejo humano, em sua forma mais pura, com toques de suspense, quase terror. A fotografia sombria, a trilha sinfônica e até o figurino com tons acinzentados e pastéis dos personagens contribuem para compor aquela atmosfera.

No início do longa-metragem não sabemos qual a verdadeira relação de Tom com Guillaume. A princípio, eles eram apenas colegas e amigos de trabalho, e em nenhum momento, nem mesmo no final, o diretor deixa explícito que houve uma relação amorosa entre os dois. Pelo contrário, fica tudo implícito nas entrelinhas dos diálogos, dos olhares e das ações.

Já na peça é exposto o romance entre os dois amantes. Podemos comprovar isso inclusive com uma autodenominação de Tom, em que ele se diz um “*veuve-garçon*” logo em suas primeiras falas, tirando qualquer dúvida, se é que o leitor a tinha.

Por fim, a linguagem de Tom, que é carregada de drama psicológico, sensibilidade, memórias nostálgicas, sentimento e sofrimento tanto na versão teatral quanto na cinematográfica, mas difere no uso exacerbado dos sinônimos. O personagem que é conhecido pelos colegas de trabalho como “Sr. Sinônimo” na peça, perde essa identidade no filme.

Tanto a peça quanto o filme são produções de alta qualidade, com diálogos fortes e bem escritos e mostram a dificuldade que ainda existe de

homossexuais se assumirem perante a família, e o motivo pelo qual a mentira é às vezes um refúgio necessário.

## **2. TEXTO TRADUZIDO**

**Michel Marc Bouchard**

### **Tom na fazenda**

Palavra do autor

Perder alguém subitamente é como um fio que se rompe. Esse lugar que nos prende ao outro, ao que não está mais lá. As pontas desfiadas da vida, que buscaminstintivamente por sobrevivência, se emaranham com outras pontas desfiadas. Pouco importa quem. Pouco importa o quê. O outro torna-se sinônimo daquele que não está mais aqui: irmão, filho, namorado.

Após a morte acidental de seu namorado, Tom, em busca de referências, se dirige à fazenda atrás da família de seu namorado, que ele desconhecia. Com natureza austera esse neófito da vida é projetado em uma história em que os equivalentes se declinam em mentiras. O namorado, amigo, filho, irmão, esse morto sem nome, deixou como herança uma história tecida com falsas verdades que, de acordo com seus próprios diários, foram essenciais à sua sobrevivência. Um dia, antigamente, nessa mesma fazenda, um jovem destruiu outro jovem porque ele amava um outro. Como uma tragédia antiga, esse drama vai traçar, alguns anos mais tarde, o destino de Tom.

A adolescência é o período da vida caracterizado pela evolução individual da personalidade infantil para a personalidade adulta. Ela inicia-se com a maturidade sexual e termina com a maturidade social. É a etapa determinante da existência em que os ditames da normalidade fazem mais estragos naqueles que estão à margem. A cada dia, jovens homossexuais são agredidos nas escolas, em casa, no trabalho, em seus lazeres, tanto na cidade quanto na zona rural. A cada dia, as vítimas injuriadas, ostracizadas, violentadas, excluídas, humilhadas, machucadas, batidas, insultadas,



desonradas, isoladas, escarnecidas. Alguns conseguem se livrar disso, outros não. Alguns tornam-se mistificadores de suas vidas.

O desprezo para com os homossexuais não é um tema obsoleto como alguns queriam que fosse, principalmente aqueles que já estão cansados de ouvir sobre o assunto ou aqueles que acreditam, como todo o resto, que pelo fato da mídia abordar o assunto já é o suficiente.

Procurei muito tempo um título para essa peça. “A Fabricação dos sinônimos”, “A noiva do morto”, “A floresta dos coiotes”, “A Beleza da mentira”. “O jovem-viúva”. Por fim, escolhi “Tom na fazenda”. Título “criança bem comportada com sotaque bucólico” mas, como todo o resto da peça, é um título que engana. Tentei também vários finais felizes, mas as obras reconciliadoras, em suas resoluções, são feitas de moral de consumo imediato e nós não nos responsabilizamos pelas resoluções dos conflitos.

Ora, eu arrisco essa frase: prestar atenção ao sofrimento amoroso, todos nós podemos fazer isso um pouco, alguma coisa, a cada dia.

Antes de aprender a amar, os homossexuais aprendem a mentir. Nós somos mitomaníacos corajosos.

## **Personagens**

Tom, cidadão jovem, publicitário, sofisticado. Vinte e poucos anos. Namorado do defunto.

Agathe, fazendeira, religiosa e amorosa. Mãe de Francis e do defunto.

Francis, fazendeiro, solitário e violento. Vinte e tantos anos. Irmão do defunto.

Sara, estilista e colega de Tom.

A ação se passa nos dias de hoje, no outono. Uma fazenda leiteira em algum lugar do interior. Cozinha, sala, quarto, estábulo, plantações, fossa das vacas e cemitério.

## **Instruções**

As partes do discurso de Tom que se dirigem a ele mesmo ou ao defunto não devem ser voltadas diretamente ao público conforme a tradição do aparte. Tom enuncia suas réplicas em uma interação contínua com os outros personagens. O público chega a saber o que Tom realmente disse através da reação dos outros personagens.

O inglês da personagem de Sara é um inglês com falhas de sintaxe, vocabulário e conjugação. Porém, seu sotaque e a fluidez com que ela se exprime devem dar a ilusão de que ela é uma verdadeira anglófona.

### QUADRO 1

*A noite. A cozinha. Uma música de tango que vem de fora. Tom, sentado, vestindo um casaco preto chique.*

TOM – Manteiga. Manteiga em cima da mesa. Uma mancha. Amarela, suja, mole. Não chego a olhar pra fora. Só tenho vontade; fazê-la desaparecer. Não tem mosquito. É outono. Eu imagino umem cima da faca. Começo a pensar em outra coisa. Só de falar que penso em outra coisa, é como se as outras coisas viessem me assombrar com mais força. Me obcecar Me atormentar. O mosquito vem. (*tempo*) Eu imagino você quando era pequeno. Você tentando subir em cima do balcão da pia. Querendo um copo de leite. Um biscoito. Você sobe no balcão. Sua mãe te diz: “Você é muito pequeno! Vai se machucar! Desce daí! Vai se machucar!” (*tempo*) Não. Não. Não pode ser. Eu estou na sua casa, e não pode ser.

AGATHE – (*Entra*) Posso saber o que está fazendo dentro da minha casa?

TOM – Eu tinha seu endereço. Dirigi o caminho todo sem parar. É mais longe do que eu imaginava. Meu GPS dizia: “Recalculando! Recalculando!”

AGATHE – Você é um dos amigos dele?

TOM – Eu sou Tom. Tom que não consegue se levantar, se colocar de pé, se endireitar. Tom parafusado na cadeira. Acorrentado, preso, soldado, pregado, colado na cadeira. Tom que deveria te estender a mão. Tom que deveria te abraçar.

AGATHE – Desculpe a bagunça. Não costuma ser sempre assim. A morte dele não foi prevista. O almoço após a cerimônia. É preciso já decidir o número de pessoas.

TOM – Não consegui encontrar um hotel.

AGATHE – Os hotéis aqui funcionam só no verão. E quando digo verão, quero dizer das 8 horas do dia 2 de julho até as 8 horas do dia 3 de julho. Não recebemos muitos turistas aqui. Eles tentaram fazer visitas guiadas às

fazendas. Se você viu uma, você viu todas. Você tem um carro preto muito bonito.

TOM – Sou muito jovem pra isso. Estar de luto. Sou muito covarde. Muito delicado. (Tom se levanta e estende a mão.) Meus pêsames, senhora! Deveria ter começado assim... Meus pêsames!

Agathe estende a mão mecanicamente.

AGATHE – Pode me chamar de Agathe. Estou contente que esteja aqui, Tom.

TOM – Ela disse meu nome. Ela está me tratando com intimidade. O espaço entre ela e eu diminui.

AGATHE – Ele nunca me falou de você.

TOM – E o espaço entre ela e eu retoma seu lugar. “Nunca falou de mim?” Preciso falar qualquer coisa. Me desviei de um alce. Na estrada. Um macho com galhos enormes.

AGATHE – Tire seu casaco!

TOM – Ela iria dizer: “Volte para onde você veio! Atropele o alce! Morra na estrada!” Eu tiro meu casaco.

AGATHE – Que bom que você veio, Tom.

TOM – Nunca falou de mim?

AGATHE – Não tive notícia dos outros amigos dele...

TOM – Um galho enorme todo branco.

AGATHE – ... Imaginei que ele não tivesse muitos.

TOM – O alce apareceu do nada.

AGATHE – Inteligente como ele era, aposto que muitos tinham inveja.

TOM – Ele podia ter atacado.

AGATHE – (*tocando o rosto dele*) Não me diga que vai embora amanhã. Ele dizia sempre quando chegava: “Vou embora amanhã!” Agora você, você fica.

TOM – Não sei.

AGATHE – Vai fazer algum discurso no funeral?

TOM – Sim.

AGATHE – Você fala bem. Se você falar alguma coisa, as pessoas daqui vão saber que meu filho era uma pessoa do bem.

TOM – Eu preparei algumas palavras.

AGATHE – Você é um rapaz bonito, Tom.

TOM – Ela repete meu nome como se ela quisesse me fazer real.

AGATHE – Ah, as trutas! Quer que eu descongele uma ou duas pra você?

TOM – Não estou com fome. Duas. Por favor.

AGATHE – Foi o irmão dele que pescou.

TOM – Quem?

AGATHE – O irmão dele!

TOM – A música parou.

AGATHE – A ordenha acabou.

TOM – Você tinha um irmão?

AGATHE – Francis?! Vou descongelar no micro-ondas. Te incomoda o barulho do micro-ondas? Francis cuida da fazenda depois da morte do meu marido.

TOM – Voltar a atenção para ela.

AGATHE – Quarenta e oito vacas leiteiras.

TOM – Voltar a atenção para ela.

AGATHE – As vacas exigem cuidados todos os dias, todas as manhãs, todas as noites, mesmo no Natal.

TOM – Retomar o assunto. As vacas?

AGATHE – Aos domingos, se a gente quiser sair, temos que cuidar delas antes. E a noite, quando a gente volta, mesma coisa.

TOM – Nunca falou de mim.

AGATHE – O que faz da vida, Tom?

TOM – Responder ela.

AGATHE – Tom?

TOM – Responder ela

AGATHE – Tom?

TOM – Assistente artístico em uma boate agência de publicidade.

AGATHE – Assistente artístico.

TOM – Como assim, estou em uma fazenda leiteira ao som de um forno micro-ondas, isso parece ridículo! Uma boate. *Housemusic*, barulho de salto alto, cheiro de Galliano, de Miyake. *House*, salto alto, Miyake. Minhas palavras são esmagadas nas paredes da cozinha uma depois da outra. *House*, salto alto, Miyake. Eu trabalhava com ele.

AGATHE – Ah, é?

TOM – Colegas.

AGATHE – Vocês eram colegas!

TOM – Colaboradores, colegas, parceiros.

AGATHE – Vocês eram parceiros!

TOM – Parceiros. Começamos assim.

AGATHE – Você quer na manteiga ou empanado?

TOM – Empanado! Na manteiga! Tanto faz!

AGATHE – Você vai dormir na cama dele.

TOM – Não sei.

AGATHE – Tá limpa.

TOM – Não sei.

AGATHE – Eu lavo a roupa de cama pelo menos uma vez por mês. Mesmo ninguém dormindo mais lá.

*Agathe limpa a mancha de manteiga.*

TOM – A mancha desapareceu. Me resta agora o alce. Na estrada. Primeira neve. Galho enorme. Eu não poderia falar do alce durante muito tempo.

AGATHE – Não sei por quê, mas quando te vi, não gritei. Eu deveria. Uma mulher entra em sua própria casa e encontra um estranho.

TOM – Eu deveria me levantar, sair daqui e voltar a ser um estranho.

AGATHE – A única pessoa que deveria ter vindo não veio.

TOM – Quem é a pessoa que “deveria ter vindo e não veio”?

AGATHE – Isso não se faz. Não sei se ser moderno é isso, mas pra mim isso é o fim!

TOM – Quem é a pessoa que “deveria ter vindo e não veio”? Tem muitas manchas.

AGATHE – Você está usando o perfume dele.

TOM – Tem muitas manchas nas paredes.

AGATHE – Francis coloca seus dedos sujos em todos os lugares.

TOM – Eu me enganei de casa. É isso que está acontecendo de errado. Por coincidência tem um defunto aqui também, mas eu me enganei de casa.

## QUADRO 2

*Tom se despe. Está com uma cueca e uma regata de marca. Um quarto com camas duplas.*

TOM – “Abaixe sua cueca pelas suas pernas. Devagar.” Você gostava disso. “Não, mais devagar. E tire sua regata também! Passe pela sua cabeça. Me mostre suas axilas. Levante mais os braços. Coloque sua mão na barriga. Devagar. Passe a mão na barriga. Mais embaixo.” (*Tempo. Ele cheira sua regata.*) “Aroma amadeirado. Traços de rum. Amálgama de patchouli, de capim vetiver, de cedro do Peru.” O vendedor de perfume não tirava o olho de você. Uma figura esquelética cheia de trejeitos. Você disse: “O cheiro dele é Ausência de Testosterona.” (*Ele ri.*) Escuto sua mãe chorar no banheiro. A truta embrulha meu estômago. Ela encontra um caminho até o vômito. Se a truta resolver sair e eu precisar ir ao banheiro pra vomitar, não vou poder porque sua mãe tá lá chorando. Amanhã vou me arrumar, pela última vez, pra você. Amanhã vou dizer pra eles: “Hoje é uma parte de mim que morre, e eu não consigo chorar. Eu não conheço todos os sinônimos de tristeza. Vazio, solidão, raiva, raiva e raiva de novo! Raiva, raiva de novo.” (*Ele se deita e desliga o abajur perto da cama. Tempo.*) Um barulho. Um aperto na garganta. Violento. Não consigo respirar. Minha garganta está fechada. Um corpo. Cerveja e animal. O abajur! A luz! Eu sufoco. Minha garganta! O abajur! Acender o abajur. Acender o abajur! Acender...

*Tom consegue acender o abajur perto da cama. Francis está em cima dele e tenta estrangulá-lo.*

FRANCIS – Se você falar pra minha mãe quem você é, os coiotes vão dar um jeito em você. Se você abrir sua boca grande, pode ter certeza, não vai sobrar nada de você pra contar história. Nada. Se minha mãe falar com você sobre uma menina chamada Ellen, fala que você conhece ela. Fala pra ela que ela fala só inglês, que ela trabalhava com ele. Fala que ela é loira, tem vinte anos e

que fuma muito. Preciso repetir? Loira, vinte anos, fuma muito, não fala francês. Fala que ela ama massas. Muito. E de resto, diz só que meu irmão amava ela. (*Francis o solta.*) Agora você pode respirar. Respira! Respira! Faz anos que eu sei que você ia aparecer. Não te conheço. Não sei seu nome, mas eu sabia que você ia aparecer. Lá no campo, no alto do campo, tem uma fossa para as vacas. É lá que jogamos as vacas doentes que foram mortas. Uma carcaça a mais ou a menos não fará diferença, acredite, ninguém vai querer ir vasculhar. Os coiotes vão limpar a área. Então faça tudo o que eu estou falando. Nada a mais, nada a menos. Minha mãe tá triste e ela não precisa saber quem o filho realmente era. É difícil pra ela. Meu pai morreu no trabalho. Alergias por causa das vacas. E agora, foi o caçula dela que morreu. É difícil pra uma mãe. É pesado pra uma mãe. Ela não precisa de mais tristeza. Ok? Você vai falar algumacoisa na igreja, alguma coisa bonita. Depois, você vai entrar no seu carro e dar o fora daqui. Depois, minha mãe vai esquecer. Depois, ele vai estar morto pra sempre. Depois, tudo vai ficar perfeito. Preciso repetir?

TOM – Não.

FRANCIS – E amanhã, não passaperfume. Os homens aqui passam perfume só pra casamentos. Amanhã é um funeral. Preciso repetir?

TOM – Não.

### QUADRO 3

*Dia 2. Tom veste uma roupa chique que contrasta com o lugar. Ele borrifa perfume. Na cozinha.*

TOM – Os traços do seu rosto aparecem em uns, desaparecem em outros. Uma pessoa vira o pescoço e eu vejo sua nuca. Um outro tem suas mãos. Sua família! Um armário de roupas, um dia de liquidação. Vestidos que fugiram de uma caixa esquecida em uma plataforma. Camisas de seda amarrotadas como um saco escrotal. Uma das tias me fala de uma prima que mora na cidade e diz que com certeza devo conhecê-la porque eu também moro na cidade. Uma outra pessoa me fala da reforma da galeria dela. No começo, eu pensei que fosse um negociante de arte. Sua família que você já até esqueceu o número de quartos que tem em suas casas, as últimas gripes, os “deixa eu ver as fotos!”. E sua mãe que vai de um a um repetindo “amigos”. Tom e ele eram “amigos”! (*tempo*) Os gessos se soltam das paredes. As estátuas de santos com as mãos juntas imploram para que sejam tiradas de lá. Os lustres com chamas elétricas, duas apagadas e uma que não funciona bem. Ramos de flores cansadas de serem exóticas. O solo asmático de uma flauta transversal pairano ambiente. Não! Não! Nada do que você teria imaginado. Nada. Quatro profissionais grisalhos da cabeça até os ovos, empurram o caixão no carrinho rangente. O caixão, você lá dentro, o caixão. Você dentro do caixão, dentro! O caixão de madeira lustrada como o chão dos conjuntos habitacionais. Você, dentro do caixão, dentro do caixão, você. Suas mãos vãs. Seu ventre abandonado. Seus lábios desolados. Você dentro do caixão. Eu sentado no banco. Muito Dolce, muito Gabbana. Muito... (*tempo*) “Você era próximo dele? Um pouco. Você conhecia bem ele? Um pouco. Você saía com ele? Um pouco. É uma pena que ela não tenha vindo. A gente ia adorar conhecê-la.” O suplício



da flauta transversal para.. A mãe levanta de seu banco. Ela sobe as escadas até o microfone. Elavira em minha direção. Ela me estende a mão. Silêncio. O universo inteiro me olha. Silêncio. O universo retoma o ar. Silêncio. O irmão está com o olhar enfurecido. A mãe em frente ao microfone. Nada mais silencioso do que alguém fazendo silêncio na frente de um microfone. Eu deveria ir até ela. Eu deveria dizer a toda a face da Terra que nós éramos um pelo o outro, um com o outro, um sem o outro. (tempo) Dou meia-volta. Eu, o jovem-viúva, saio da igreja.

*Francis entra, ameaçando.*

FRANCIS – Você ficou mudo! Por que não disse nada? Hein? Eu te falei pra inventar qualquer coisa bonita pra dizer!

TOM – Não me bate!

FRANCIS – Por que você deixou minha mãe plantada, sozinha, na frente de todo mundo?

TOM – Não me bate!

FRANCIS – Não posso ver ela assim. Não posso!

*Francis bate na barriga de Tom.*

TOM – A truta. A manteiga. Não digeri a truta da noite de ontem.

FRANCIS – Responde! E eu disse nada de perfume!

TOM – (*se protegendo do braço de Francis*) Um reflexo. Só um reflexo! E eu respondo a ele medroso feito um cachorrinho.

FRANCIS – Já ouvi sua voz. Um dia, no telefone. Eu liguei pra ele por causa dos documentos da fazenda. “Te espero pro jantar. Posso anotar o recado? Tudo bem se você ligar hoje mais tarde? Vamos viajar de férias essa noite, pra Ajaccio...”

TOM – “...Na Córsega”

FRANCIS – “ Ajaccio na Córsega... quem fala? ... Alô?” Um dia eu olhei debaixo da cama dele. Tinha uns cadernos de desenho. Desenho de homens. Poema com homens também. Quando eu liguei na casa de vocês... “Tudo bem se você ligar hoje mais tarde?” Eu sabia que um dia você ia aparecer.

*(Agathe entra. Ela segura uma bola amarela pesada de plástico.)* Você vem se sentar?

TOM – Ela segura uma bola amarela imensa! Muito amarela pro lugar.

AGATHE – Eu percebi seu desconforto, Tom.

FRANCIS – Ele tava enjoado por causa da truta.

AGATHE – Eu queria saber as palavras que você tinha preparado.

TOM – Tava um pouco borrado, desordenado.

AGATHE – Devia mesmo estar...

TOM – Perturbador, triste, funesto?

AGATHE – Emocionante.

TOM – Na agência, me chamam de senhor Sinônimos. Eu procuro as equivalências. A coisa que é como a coisa, mas que não é realmente a coisa. É uma obsessão. Nos encontros de *focusgroup*, isso é bem apreciado. (tempo) Um *focusgroup*, é... A ideia de explicar para eles o que é um *focusgroup* me dá mais vontade de vomitar do que a truta na manteiga.

AGATHE – Foi ótimo a flauta transversal.

FRANCIS – Sim.

AGATHE – É a sobrinha do Jeff.

FRANCIS – Sim.

AGATHE– Um dia ela vai ser talentosa. Estão esperando a gente na sala comunitária. Sinto muito pela truta, Tom.

TOM – Vai passar.

AGATHE – Fiz muita salada de macarrão. Sempre detestei salada de macarrão. É feio. É sem cor. Não é apetitoso. Tem que esperar esfriar, e massa fria não tem gosto. Sempre fazemos muito aqui. E não pode ser congelada. Parece que a gente não é bom anfitrião se não tiver uma porra de uma salada de macarrão no meio da mesa. (Ela desata a chorar.) Sim, eu disse “porra”. Hoje eu posso me permitir um palavrão. Porra! Posso chegar com uma bela salada verde ou sanduiches chiques de peixe; mas não! No final, todos acabam dizendo que eu deveria ter feito salada de macarrão. Maionese e macarrão. Minha família diz que eu faço a melhor salada de macarrão do mundo. Eu sou a melhor do mundo em qualquer coisa que eu odeio fazer.

FRANCIS – Você devia se sentar.

AGATHE – (*ainda com a bola amarela na mão*) Por quê? Sofremos menos quando estamos sentados? (*Tristeza*). Ela devia estar aqui.

FRANCIS – Uma insensível. É apenas uma insensível! Né, Tom?

TOM – É. Uma insensível.

AGATHE – Agora há pouco, quando eles saíram da sepultura, um sapato no gelo. Eu imaginei um sapato escorregando no gelo dos degraus da varanda. O sapato que era usado por um dos carregadores do caixão, um outro carregador, um outro... e depois o caixão! Ele escorregou e depois ele virou. Eu gritei. Todo mundo gritou. Em um segundo, teve mais palavrão no ar do que ‘améns’ durante a cerimônia. Dois dos carregadores desviraram o caixão que tava destampado. Eu imaginei o caixão aberto. Nada! Nada dentro do caixão! Eu dizia: “onde tá o corpo dele? Onde?”. O chefe dos carregadores não parava de falar: “A senhora tava aqui quando a gente fechou o caixão. Ele tava lá dentro.”. Depois, um primo... ou tio... enfim, alguém com bigode gritou com o chefe dos carregadores: “Você economiza com os cadáveres que estão feios demais para serem mostrados? Você se livra do corpo e depois reaproveita o caixão?” E o chefe dos carregadores respondeu: “Nossa empresa é uma das mais respeitadas. Temos consideração com as famílias que sofrem.” Todas as frases que eu tinha lido no panfleto deles. (tempo) Quando eles colocaram o caixão no carro funerário a neve começou a cair, fina, com cristais iguazinhos. Começaram a aparecer as pegadas na neve, onde o túmulo estava aberto. Pegadas de pés descalços. Elas me levaram até você, Tom. (tempo) “Ele estava morto há alguns dias e aqueles que choravam foram até o túmulo mas ele estava vazio. Havia passos na terra. Ele ressuscitou, mas ninguém o reconhecia!” Foi isso que o padre tinha acabado de contar no sermão.

FRANCIS – Amém, mamãe. Amém.

AGATHE – Estou muito feliz por estar aqui, Tom.

FRANCIS – Tom, você não poderia dizer que ela telefonou?

TOM – Quem?

AGATHE – Quem telefonou?

FRANCIS – Diga a ela! Dê essa boa notícia a ela. Agora!

TOM – (*improvisando*) Quando eu voltei pra casa, o telefone não parava de tocar. Eu atendi. (*tempo*) Era ela.

AGATHE – Quem? Ela quem?

FRANCIS – Ellen! Que surpresa, hein?

AGATHE – O que ela disse?

FRANCIS – (*impaciente com Tom*) Não posso responder em seu lugar. Foi você que atendeu a ligação. Eu não sei o que eles conversaram. Quando

cheguei da igreja ele já estava desligando. (*para Tom*) Você deve se lembrar bem do que ela disse?

TOM – (*improvisando*) Oi, Tom. É a Ellen.

FRANCIS – Em inglês?

TOM – *Hi, Tom. Ellen speaking. Nice talking to you.*

FRANCIS – A gente não entende inglês.

AGATHE – Francis, cala a boca!

TOM – *Today, a part of me is dying / Hoje, é uma parte de mim que morre / and I can't cry / e eu não consigo chorar. Não conheço palavras pra tristeza. / Emptiness, loneliness, anger. / Vazio, solidão... raiva, raiva e raiva de novo! Diga a eles que eu teria amado conhecê-los. Foi ele quem não quis. Ele dizia que o amor é só para dois. Sem amigos, sem família. Tom, diga a eles que foi o primeiro. Aquele que fez com que isso pudesse acontecer. Diga a eles que ele amava meu semblante quando eu sorria. Diga a eles que ele fazia de tudo pra eu sorrir. Fale pra eles dos seus braços também. Dos seus braços que me prendiam, que me soltavam, que me sentenciavam sem parar. Conte a eles também que, às vezes, só pelo seu jeito de andar, eu já sabia que seu beijo ia ser tórrido!*

FRANCIS – Depois ela desligou?

TOM – A palavra “tórrido” vem de “touro”?

FRANCIS – Depois ela desligou?

TOM – *Tell them that I hate him. / Diga a eles que eu o odeio por ter me abandonado. Ele estava só um pouco atrasado. Ele tinha acabado de passar na lavanderia pra pegar seu casaco. Não era motivo pra ir tão rápido. Eu escuto as sirenes da ambulância. Está a duas esquinas da agência. E depois um telefone. Um fofonas bocasque murmuram seu nome em câmera lenta. Chegou na esquina da Segunda Avenida e do grande cruzamento. Eu desço correndo as escadas. Corro para a esquina da Segunda Avenida e do grande cruzamento. A ambulância desaparece ao longe. No asfalto, o traço de um zigue-zague como a assinatura do contrato com a morte. Um tanque de gasolina. Uma roda pela metade. Pedacos de espelho. Sua moto! Seu casaco rasgado. Seu capacete rachado. Seu sangue derramado, vertido, espirrado, escorrido, jorrado.*

AGATHE – Vou me sentar.

FRANCIS – Depois ela desligou?

TOM – É. Ela desligou.

AGATHE – Ela deveria estar aqui. Ela que deveria dizer essas coisas aí.

FRANCIS – “Beijo tórrido”. Na igreja?

AGATHE – Pelo menos alguém teria dito alguma coisa. *(Todos os três estão em suas próprias bolhas)*. Depois da recepção, não pode esquecer de ordenhar as vacas. Francis vai te mostrar como, Tom.

TOM – Francis vai me mostrar o quê?

FRANCIS – *(para Tom)* Vou pegar roupas pra você ir até as vacas. Você não pode entrar com suas roupas chiques.

AGATHE – Dê a ele as roupas de seu irmão. *(para Tom)* Francis vai te mostrar como instalar as ordenhadeiras.

**QUADRO 4**

Tom se veste com roupas velhas apropriadas pra fazenda de seu amante-defunto. Eles estão no campo. O sol se pondo. Um cachorro uiva ao fundo.

TOM – Suas roupas são muito grandes. Muito recentes para serem *vintage*, muito velhas para serem Paul Smith. Tá larga na cintura. Sempre fui muito magro. Coloquei uma corda. Vou lançar moda. (*para Francis*) A gente ainda vai andar muito? Eu frequentei as melhores escolas, e agora tenho merda nas minhas botas.

FRANCIS – Você me impressionou agora há pouco.

TOM – Você não me deixou outra opção a não ser mentir.

FRANCIS – Eu tava falando das vacas. Você é carinhoso com os animais. Eu mesmo te vi acariciar uma.

TOM – Eu não pensei que as ordenhadeiras pudessem ser tão modernas.

FRANCIS – Hoje em dia tem até de laser. Seria bem menos trabalhoso. A máquina encontra a teta sozinha. Tem uma espécie de painel de controle. Você aperta o botão e a ordenhadeira se ajusta sozinha na mama.

TOM – (*sem saber o que responder*) Legal!

FRANCIS – Está escutando o cachorro latir? Isso quer dizer que está cheio de coiotes lá. Na temporada de visitas à fazenda, tinha um monte de japoneses que vinham até aqui. Eles atravessavam o planeta só pra tirar fotos. Isso deve querer dizer que aqui é bonito. Eu acho que tem muito milho. As terras são vendidas só por causa do milho. E dos chiqueiros. As casas da fazenda estão quase todas abandonadas. Está vendo todas aquelas casas? Estão todas vazias.

TOM – Vocês não têm vizinhos?

FRANCIS – Não.

FRANCIS – Os japoneses têm os olhos pequenos, e quando eles riem, eles não têm mais olhos. Uma vez, eu levei um casal na fossa das vacas. Eles queriam ver os coiotes. Por sorte, a gente viu três. Os dentes brancos na carne roxa. Eles olhavam de canto de olho grunhindo. "Se você tocar no meu pedaço, eu te mato". Mais longe, tinha um que se divertia com uma lebre, ainda viva. Ele dava patadas para fazer ela se mexer. A lebre tentava fugir. O coioitepegava ela, maltratava, soltava, pegava de novo.

TOM – Por que ninguém fala com você? Na sala comunitária, agora há pouco, ninguém foi te ver. Você é o irmão do defunto, afinal!

FRANCIS – Eu não me interesso em saber como as pessoas estão. Eu imagino que pra eles também, pouco importam em saber como estou. (*tempo*). Você conhece eles?

TOM – O quê?

FRANCIS – Os japoneses!

TOM – Eu fiz um estágio em cultura da imagem em Nagoya.

FRANCIS – (*sem saber o que responder*) Legal. Eu te achei bem bom agora há pouco.

TOM – Eu amo os animais.

FRANCIS – Não, estou falando de Ellen.

TOM – (*exasperado*) Claro.

FRANCIS – Legal o que você faz.

TOM – Eu não acho não.

FRANCIS – Minha mãe ficou feliz.

TOM – Eu acho que não.

FRANCIS – Eu tinha dito ao meu irmão que eu não ia falar nada à mamãe sobre o segredinho, mas você me dá uma foto sua com alguma menina. Não interessa quem, desde que seja bonita. A gente chamou ela de "Ellen". Mas o verdadeiro nome da menina acho que é Sara. Eles trabalham juntos.

TOM – Sara? A estilista da agência.

FRANCIS – Sobre a foto, ele tirou pelo tamanho.

TOM – A matraca alcóolica? Aquela que confunde um digestivo com enxaguante bucal?

FRANCIS – Eles estão em cima da moto dele. Ela está com um capacete rosa.

TOM – No fim da tarde ela lambe tudo, do fundo dos copos até os mictórios!

FRANCIS – Mamãe acha ela bonita.

TOM – (*cada vez mais nervoso*) Bêbada, ela tem olhos de sapo! Bêbada, ela alonga todas as palavras de duas sílabas! Ela fala inglês feito uma vaca espanhola. Ela nem consegue pronunciar “Ellen”! Tudo o que ela encontra, ela xeroca na velocidade da luz. A Schumacher da máquina de xerox! Como ela acha tudo “artístico”, o que mostra que ela não tem nenhum senso de discernimento, árvores são derrubadas pra ela ostentar sua incompetência com máquinas de xerox. Sara! Ridículo!

FRANCIS – (*tirando uma foto do bolso e mostrando ao Tom*) Eles estão se beijando.

TOM – Ideia idiota. De ficar aqui. Ideia abominável, nauseabunda. Vou voltar pra minha casa.

FRANCIS – Você vai pra onde?

TOM – Vou contar tudo pra sua mãe e depois vou embora.

FRANCIS – (*o pega pela corda que prende a cintura*) Você não vai dizer nada à minha mãe.

TOM – Me solta.

FRANCIS – Você não está bem comigo?

TOM – Sim. Como uma lebre! Ele levanta seu braço pra se arranhar, tenho medo que ele bata na minha nuca. Ele se vira só pra se virar, eu imagino um soco no meu estômago. Eu vi um posto de gasolina em frente à igreja. Vou encher o tanque e depois eu vou embora.

FRANCIS – (*Ameaçador, ele se aproxima de Tom*) Justo agora que eu comecei a me apegar a você.

TOM – A gente tá muito próximo. A gente tá muito próximo. Tô bem com você! Tô bem com você! Tá bom como resposta? É linda sua paisagem de milho! Eu amo os coiotes que devoram a carne. Os japoneses têm lindos olhos pequenos e a Sara é uma alcóolica formidável! (*Francis pega a corda e amarra violentamente os punhos de Tom*) O que você faz aqui? É essa a maneira de se apegar? Estúpido! Piada estúpida! Farsa. *Joke. Joke.* Estúpido. Estúpido. Estúpido.

FRANCIS – Tá ouvindo o cachorro?



TOM – Sim, estou ouvindo essa merda de cachorro!

FRANCIS – Tá na hora de comer.

Francis, com seu pé, faz Tom dobrar os joelhos. Tom cai.

## QUADRO 5

Dia 3. Noite.

AGATHE – (*passando roupa*) Tom, vem comer! É a segunda vez que eu te chamo!

FRANCIS – (*usando só uma calça jeans*) Talvez ele não esteja com fome.

AGATHE – Ele não comeu nada o dia todo. Ele não gosta do que eu cozinho. Eu sinto isso. (*chamando*) Tom? (*fala de novo a Francis*) Você pode me dizer o que são essas faixas nos punhos?

FRANCIS – A gente foi ao médico.

AGATHE – Por que ao médico?

FRANCIS – Ele se machucou.

AGATHE – Como?

FRANCIS – Com o triturador de esterco.

AGATHE – (*incrédula*) Os dois punhos?

FRANCIS – Ele tentou pegar alguma coisa. O que você quer, hein? Você quer que ele vá embora? É isso?

AGATHE – Com os punhos detonados assim, ele não vai poder dirigir.

FRANCIS – Eu posso levar ele de volta para casa se você quiser.

AGATHE – Ninguém te pediu para levar ele de volta para casa.

FRANCIS – Ele é bem bom com as vacas.

AGATHE – (*sorridente*) Eu tava imaginando. (*tempo*) Ontem de manhã, quando eu abri a porta do quarto de vocês, duas cabeças de garotos nos travesseiros, duas cabecinhas.

FRANCIS – Você gostou, né?

AGATHE – Eu acho que ele penteia constantemente os cabelos. Ele se olha muito no espelho também. Eu peguei ele de surpresa olhando o próprio traseiro. Você olha o seu traseiro também?

FRANCIS – Não preciso. O meu já é muito bonito. *(Eles riem)*

*Tom, dentro do quarto, tira sua camisa de fazenda e fica só de calça jeans. Veste uma regata. Enfaixa os punhos.*

TOM – A casa deveria estar cheia de gente. É assim que acontece nos filmes quando tem um morto. Pessoas que fumam, que se deslocam em *slowmotion*, que cochicham, e sempre tem um que tem um riso nervoso. E diz: “É o cansaço.”

AGATHE – *(rindo)* É o cansaço. *(chamando)* Tom! Você precisa comer!

TOM – O telefone não toca nunca. Nem o som da televisão. Só o caminhão de leite que vem ao estábulo recolher a quota do dia. O caminhoneiro se chama Jeff. “Oi, Jeff! Tchau, Jeff!”

AGATHE – *(fascinada)* As camisas dele são como papel. As calças são de lã de verdade. Toda a roupa foi dobrada perfeitamente.

TOM – Ela desfez minha mala.

AGATHE – Pode-se dizer que são roupas de casamento.

TOM – Ela pendurou minhas roupas nos cabides.

AGATHE – Eu roubei seu creme de mão. Um pouco. Tem cheiro bom.

FRANCIS – Ele trabalha bem.

AGATHE – Que bom.

FRANCIS – Ele adula as vacas.

AGATHE – Deve estar te fazendo bem ter um pouco de companhia?

FRANCIS – *(cortando sua fala)* Já estou acostumado a ficar sozinho. *Tempo.*

AGATHE – Se você for embora.

FRANCIS – Pare!

AGATHE – A grana.

FRANCIS – Pare!

AGATHE – Não íamos poder comprar a ordenhadeira a laser.

FRANCIS – Veremos.

AGATHE – Um dia vai ser preciso vender!

FRANCIS – Eu vou sempre estar aqui. Você sabe. Sempre.

AGATHE – *(sem se mexer)* Não posso te prender nos meus braços. Eu sei que esses dias eu deveria. Mas não consigo.

FRANCIS – Talvez só não seja necessário dizer isso.

*Tom se junta a eles, vestido com uma calça justa de uma cor berrante que Agathe observa com um sorriso de espanto.*

AGATHE – Tom, me diga o que quer comer.

TOM – Nada de trutas!

AGATHE – Vou descongelar um bife pra você! *(Ela pega a mão do Tom, as vira, toca os machucados nos punhos, na barriga, e suas marcas no pescoço.)*

“Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei... Felizes os que não viram e creram”.

FRANCIS – Amém, mamãe, amém.

AGATHE – *(para Francis)* Você deveria levar ele na cidade. Mostrar pra ele o lugar. Ir ao bar. Depois levar ele na estrada dos ciprestes. Meus dois filhos me levaram lá um dia. A gente colocou 160 no carro. Os pontilhados amarelos pareciam uma linha de tanto que a gente ia rápido.

FRANCIS – Você gostou disso, né?

AGATHE – Morri de medo!

FRANCIS – Vá se vestir. E se você tiver chique, vou colocar 170.

AGATHE – Vamos deixar Tom terminar de comer.

FRANCIS – Como assim você olha seu traseiro no espelho?

AGATHE – Francis!

FRANCIS – “Cintura de Menina”! Eu pensei em te chamar “cintura de Menina”! *(Tom se atira em cima sem avisar. Ele desferiu um chute nas costas. Francis apara o chute, sofre, mas saboreia).* Vem cá, meu garoto! *(Ele pega Tom e aperta seu pescoço contra seu braço).*

AGATHE – Meninos! Na cozinha não!

FRANCIS – Vem cá, meu garoto. “Cintura de Menina”!

AGATHE – Vocês podem até se atracar, mas lá fora! *Inesperadamente, Tom reagiu.*

FRANCIS – Olhe como ele é bonito quando tá bravo! *Eles se batem pra valer.*

TOM – Você me arrastou amarrado, de barriga pra baixo, por dois quilômetros!

Pede desculpa! Pede desculpa! (*Tom o morde no pescoço*)

FRANCIS – Ele me mordeu! Ele me mordeu, esse viado!

AGATHE – Esse o quê?

FRANCIS – (*disfarçando*) Modo de falar. Modo de falar. Ele me mordeu!

TOM – Os dentes brancos na carne roxa.

FRANCIS – Você viu, mamãe?

AGATHE – Eu não converso com garotos que xingam. (*Agathe entrega uma tigela de sopa a Tom.*) Descongelei um pouco de sopa de cevada.

TOM – Aqui vocês comem sopa de cevada.

AGATHE – Com bacon.

TOM – Com bacon.

AGATHE – Francis, ajude ele a comer.

FRANCIS – Jamais!

AGATHE – Você não tá vendo que ele não consegue pegar a colher dele!

FRANCIS – Jamais.

*Agathe pega a tigela de sopa e faz Tom comer com colher. Um certo tempo.*

AGATHE – Fale um pouco mais sobre ela.

TOM – (*irritado*) Só me vêm as imagens do pub. Uma mulher com um bustiê preto. Uma mulher que se balança em uma gaiola de pássaros. Uma mulher descabelada na balsa. Uma mulher com seios fartos com pilotos de corrida.

AGATHE – Uma mulher fácil?

TOM – Com ele, qualquer pessoa seria fácil.

AGATHE – (*extasiada*) Você ouviu isso, Francis?

FRANCIS – Ouvi cada palavra.

TOM – Ele era um bruto que podia recitar poemas.

AGATHE – “um bruto que podia recitar poemas.” Você devia falar como Tom.

FRANCIS – Não tenho tanta certeza.

AGATHE – As mulheres adoram os homens que falam bem.

FRANCIS – Parece que ela era uma grande comedora de massas.

TOM – (*descontentamento*) Raviólis, Tortellinis, espaguete, lasanhas. Quer mais? Com muito molho, imbecil.

AGATHE – (*para Tom*) E você?

TOM – Eu? Eu também adoro massas. Uma perdição pra mim.

AGATHE – Deve ter alguém na sua vida também. Você nunca fala nada sobre você.

TOM – Aqui? Lá? Eu não sou ninguém, não. Eu? O que sobre mim? Não sei o que dizer sobre mim.

FRANCIS – (*zombando de Tom*) “Eu? Não sei! O que, eu? Eu? Nada! Eu? Nada! Nada! Eu?” Você ainda acha que eu devia falar como ele?

TOM – “Tire sua regata! Não! Mais devagar! Abaixei sua cueca pelas pernas. Devagar! Não, mais devagar. Sua regata! Me mostre suas axilas. Levante mais os braços.”

AGATHE – O que ele tá dizendo?

FRANCIS – Também não estou entendendo.

TOM – “Coloque sua mão na barriga. Passe a mão na barriga!”

AGATHE – Eu nem tinha seu endereço, nem o dele, ele te contava coisas íntimas assim?

TOM – “Deita na cama.”

AGATHE – (*desconfortável*) Quantos detalhes, hein?

TOM – “Lambe meu pau”.

*O tempo é interrompido.*

FRANCIS – (*procurando desconstrair o ambiente*) Não passava de uma safada! Né, Tom? Era uma safada.

AGATHE – (*rindo para disfarçar seu desconforto.*) Não passava de uma safada!

Os três riem.

TOM – Uma verdadeira safada!

AGATHE – Uma safada!

Francis e Agathe riem sem parar.

TOM – (*explodindo*) Por que eu não vou lá pra fora? Por que eu digo: “Oi, Jeff! Tchau, Jeff!” Por que eu não digo “Socorro, Jeff” Me tire daqui, Jeff!” Por que eu não digo a ela: “Eu amava seu filho e seu filho me amava!”

AGATHE – É bom rir assim.

FRANCIS – Você vem dar aquela volta de carro?

AGATHE – Não. Seria ótimo se ela viesse nos fazer uma visita. Boa noite, Francis.

FRANCIS – Boa noite, mamãe.

AGATHE – (*beijando Tom*) Boa noite, meu garoto.

TOM – Boa noite.

AGATHE – Você não podia pedir pra ela para vir aqui?

TOM – Quem?

AGATHE – Ellen.

TOM – Não sei.

AGATHE – Francis, mostra pra ele as coisas pra fazer a carne dele.

*Agathe sai. Francis pega a tábua e o ferro de passar e continua a passar a roupa.*

FRANCIS – (*sombrio*) Você faz bem pra ela.

TOM – Eu acho que não.

FRANCIS – Fazia tempo que eu não via ela rir assim. Você disse pro médico que fui em que te fiz isso?

TOM – Eu disse pra ele que vim com você. Só isso.

FRANCIS – Foi por isso que ele não te perguntou nada.

TOM – Ele pediu pra enviar as condolências pra vocês.

FRANCIS – Não foi uma boa ideia ir no médico daqui. Eu ia te levar pra uma cidade mais longe.

TOM – Como se existisse “uma cidade mais longe”.

FRANCIS – Você não se perguntou como eu ainda moro com a minha mãe com trinta anos de idade? Tenho tudo pra fazer uma mulher feliz: uma bela fazenda, uma boa aparência. (*silêncio*) Eu sei que você me acha bonito.

TOM – (*atônito*) Se eu falar sim ele me dá um soco. Se eu falar não ele me dá um soco.

FRANCIS – Meu irmão nunca te contou a história do garoto do bar?

TOM – Que garoto?

FRANCIS – O garoto que eu quebrei a cara. Quebrei a cara! Foi isso que eles disseram. Foi isso que eu fiz. Não fui processado. Foi tudo resolvido com dinheiro e depois com silêncio. Eu tinha dezesseis anos. Ele, quatorze. Ele tava usando calça jeans branca e uma camiseta verde. Coloquei minhas duas mãos na boca dele e depois eu abri. Abri até rasgar. Eles não falaram “bateu”, eles não falaram “machucou”, eles falaram “quebrou a cara”! Eu fiz minha mãe chorar. E meu pai ficar mudo. Eles ainda falam dessa história por aí na cidade. Uma história nova a cada dia. Na região toda! O garoto tá com um nariz novo.

Lábios novos. Ele foi embora daqui. Ele não queria mais ser o mostro rasgado com nariz falso. Eu meto medo em todas as meninas da redondeza. Quer me dizer qual das mães deixaria a própria filha sair com o cara que quebra a cara dos outros? Tinha uma menina na aula de dança. Tinha comprado um presente pra ela. Tipo uma blusa de seda. Foi meu irmão que deu a ideia de me treinar. Ele queria que eu arrumasse uma namorada. Dança de salão, dança em linha, chachacha, tango. Todas elas queriam dançar com os dois fazendeiros. A gente era os mais cobiçados. Até que uma noite, com meu irmão, no bar, saindo da aula de dança... aqui, com doze anos já pode ir pro bar... o garoto com calça jeans branca e camiseta verde me abordou com um olhar estranho; "Preciso conversar com você sobre seu irmão. É um assunto delicado." Meu irmão olhava pra gente de longe, todo inquieto. Eu fiz o garoto repetir. "Seu irmão. É um assunto delicado." Aí eu entendi o que ele quis dizer. Eu já sabia por causa dos desenhos e poemas em cima da cama dele. Mas como ele podia saber disso? Significava que todo mundo já sabia? Significava que todo mundo ia rir da gente? Aqui é uma currutela, tudo que acontece se multiplica por vinte. "Seu irmão. É um assunto delicado." Foi como um soco na cara. Meus olhos ficaram vermelhos como uma vaca que apanha. Eu me lembro só das minhas mãos na boca dele. Do som que vinha do fundo da garganta dele. Os ossos que se quebravam na garganta dele. Nunca mais voltei para as aulas de dança. Mesmo tendo me visto, eu não queria explicar pro meu irmão por que eu tinha feito aquilo. Ele morreu de vergonha de mim. Ele me falou que ia embora. A gente brigava... constantemente. Eu joguei ele na fossa das vacas. Ele foi embora mesmo assim. (*Francis pega as roupas do morto que Tom tinha usado precedentemente*) Mamãe fez alguns ajustes. Vai te servir melhor agora. Pode passar seu perfume se quiser. Mamãe ama seu perfume. Mamãe precisa sorrir. Não sei como pedir para as pessoas ficarem. Não sei usar as palavras. Fica.

**QUADRO 6**

Dia 5. Tom vestiu as roupas de fazenda mais ajustadas. Está coberto de sangue. Lava as mãos e braços numa pia enorme.

TOM – Êxtase! Foi puro êxtase! Ajudamos uma vaca a parir. Demos a vida! Foi intenso. Estou com vontade de correr no campo e gritar: “Eu dei vida! Hey, coitotes! Eu dei vida!” Ok, eu não pude fazer muita coisa por causa dos meus punhos, mas eu olhei Francis fazer. Eu o encorajei até ele me mandar calar a boca. Ele colocou luvas de plástico enormes. Ele colocou o braço dentro da vaca, no útero da vaca, para apanhar as patas do bezerro, as patas da frente. Ele as prendeu com uma corda. Depois, ele puxou, puxou. A cada contração, eu o encorajava. Depois a cabeça do bezerro apareceu. Foi nessa hora que ele me mandou calar a boca. Mais contrações. Depois, todo o corpo quase de uma vez. Eu gritei. Francis me encarou mas eu gritei ainda mais forte. O bezerro caiu no chão, na altura da vaca. Ele quebrou uma pata. Foi violento como boas-vindas ao mundo. (*Tom desata a chorar*). Depois a vaca soltou a placenta. O bezerro bebeu o *coloostro*. Francis disse “*coloostro*”! Francis disse uma palavra de médico. Depois a mãe dele descongelou umas tortas. Bem legal!

FRANCIS – (*coberto de sangue*) A gente vai chamar ele de “cintura de Menina”

TOM – (*inconsolável*) Bem legal! Não sei o que me aconteceu. Me desculpe. É incontrolável. Me desculpe.

FRANCIS – Tom, você pode me dizer para que serve seu esperma?

TOM – Hein?

FRANCIS – Seu esperma, serve pra quê?

TOM – Ok, acabamos de mudar de assunto.

FRANCIS – Por que você existe se você não gera vida?

TOM – Me dê só um segundo, tá!

FRANCIS – Depois de você, não vai ter mais ninguém! Seu esperma, ele não serve absolutamente para nada.

TOM – É um ponto de vista.

FRANCIS – Seu leitinho não serve para nada.

TOM – Seu leitinho? Deixe os sinônimos para quem entende.

FRANCIS – Você serve para que na vida?

TOM – Por que machucar rostos, isso por acaso é uma missão?



FRANCIS – Tire sua regata.

TOM – O quê?

*Francis ajuda Tom a tirar sua regata.*

FRANCIS – Levante mais os braços. (*ele ensaboa seu corpo*) Me mostre suas axilas.

TOM – Ele tem a sua voz.

FRANCIS – Você vai passar sua vida toda sem filhos? Velhinho, sem filhos? Ninguém?

TOM – Ele tem suas mãos.

FRANCIS – Estou falando com você!

TOM – Ele tem o escuro dos seus olhos.

FRANCIS – Estou falando com você!

TOM – Ele tem seus lábios. Voltar a atenção para ele.

FRANCIS – Estou falando com você.

TOM – Voltar a atenção para ele. Eu só penso na minha vidinha, Francis! E “meu suco” me dá muito prazer no processo da sua fabricação.

FRANCIS – Vou te mostrar uma coisa (Francis tira um saco de papel de um esconderijo e, com cuidado, tira uma camisa vermelha, uma camisa de mulher). Era pra menina do curso de dança. A vendedora me disse que era seda legítima.

TOM – (*sincero*) Só de olhar eu posso afirmar que é seda legítima.

FRANCIS – Se você diz, eu acredito.

TOM – É muito bonito.

FRANCIS – Nunca tive a chance de dar a ela.

TOM – Como ela se chamava?

FRANCIS – É seda legítima. Estou feliz. (*Francis ativa um botão e escuta-se uma música em todo o estábulo*). Doze alto-falantes, estúdio central, um amplificador de 250 watts. Uma mesa para tocar oito cd's continuamente. Todo mundo pensa que é bolero, mas é tango. As vacas adoram isso. Tenho certeza que elas produzem mais leite. Isso se dança com os braços bem rijos. A gente fica bem ereto! Uma boa distância dos braços. A pélvis bem flexível. A gente mexe ela da direita pra esquerda assim. Só a pélvis. A gente coloca o mesmo pé pra frente e pra trás. Dobramos o joelho, um depois do outro. Venha!

TOM – Não, não. Pegue uma vaca pra você.

*Francis o pega contra sua vontade.*

FRANCIS – Bem ereto. Braços rijos. Isso!

TOM – Da direita pra esquerda. Cuidado com a pélvis. O pé pra frente. Pra trás.

*Eles começam a dançar. Eles são dançarinos perfeitos.*

FRANCIS – *(impressionado com a habilidade de Tom)* Espere! Você aprende muito rápido.

TOM – Nada mal, né?

FRANCIS – Mais que “nada mal”. Meu irmãozinho te ensinou! *(brincando)* Ele me jurou que iria praticar só comigo.

TOM – Você também, nada mal.

*Tom beija Francis. Francis se deixa levar um momento. Tom coloca fim ao abraço.*

FRANCIS – Venha! *(Tom vai no rumo de Francis que o pega pela garganta. Nesse estrangulamento tem alguma coisa de calma e prazerosa para Francis).*

Me diz quando parar. É você quem decide. Você me dá um sinal e eu paro.

Quando você quiser, garoto! De novo? Você é forte, garoto! Você é forte! *(Tom abana a cabeça. Francis o solta.)* Respire! Respire, caralho! *(Tom retoma o ar.*

*A música continua um tempo. Francis a desliga, pega Tom contra seu corpo, como quem pega um animal doméstico).* Sabe, eu estou preso aqui por causa

da minha mãe. Eu poderia ir embora, deixar ela sozinha mas não consigo. Um

diavou ter que ficar no lugar dela. Agora ela é ainda tá numa boa, mas ela

alucina com as histórias de religião. Eu dou cinco anos pra ela pirar de vez.

Cinco anos, nada mais. Cuidar das vacas, olhar os coiotes, ver o milho crescer,

escutar o cachorro latir: cinco anos, nada mais. Às vezes eu desejo para ela

uma doença rápida. daquelas que você encontra ela no chão da cozinha de

manhã. Ela tá com o telefone nas mãos, a boca aberta, os olhos no vazio. Eu

sofreria, porque a amo, mas pelo menos eu não teria que ficar no lugar dela.

Tom e Francis se surpreendem com Agathe que os escutava.

AGATHE – *(que escutou tudo)* Tava procurando por vocês.

FRANCIS – Você tava aí?

AGATHE – Tava procurando por vocês. *(a respeito da camisa vermelha)* Você ainda não se livrou desse trapo aí?

FRANCIS – Ela teve um belo bezerro. Batizamos ele de “cintura de Menina”

AGATHE – Não é um nome para um bezerro.

FRANCIS – Você escutou o que eu tava dizendo agora há pouco?

AGATHE – Venham comer. As tortas estão quentes.

FRANCIS – Você escutou tudo o que eu falei?

AGATHE – (*fria*) Sim, eu escutei tudo, mas eu disse: “cintura de Menina” não é um bom nome para um bezerro! As tortas estão quentes.

*Ela sai.*

FRANCIS – Ela escutou tudo. Puta que pariu! (*Tom pega a camisa de seda vermelha, a veste e se levanta*) Você não teve o bastante agora há pouco?

## QUADRO 7

Mesmo dia. Tom, vestido com a camisa vermelha, se balança no vazio, suspenso num pedaço de corda, cabeça baixa, em uma semi-escuridão. Francis está com a outra extremidade da corda.

TOM – (*aterrorizado*) É só a lama que fede. É só a lama que fede. Sua mãe pensa que a gente se diverte na cidade! Sua mãe pensa que a gente flerta com monoparentais bem penteadas.

FRANCIS – Você é forte, garoto.

TOM – É a lama que fede. Mesmo se não há mais depois de semanas, eu tenho certeza que é a lama... a lama vermelha. (se deixando levar com o horror da situação) Carcaça de vacas. Vísceras fedorentas. Tripas! Intestinos! Entranhas! Bofes! Estômagos! Buchos! Panças! Organismos! Mas não sei qual o sinônimo de “Tire-me daqui, filho da puta”! É um pesadelo com cheiros. Não quero entrar em pânico. Não quero vomitar. Não quero! (A corda se solta de uma altura de alguns metros). Não! (Francis imita o grunhido de um coiote). Francis diz que os coiotes não pegam os humanos. Mas eu não sou um humano. Sou um pedaço de carne em cima da carcaça. Para os coiotes eu sou só uma refeição. (*outro grunhido*) Aí embaixo, eu sei que isso mexe. Aí embaixo estão os vermes. Eu sei que eles estão lá. Eu escuto eles se mexendo. Patchouli, cedro do Peru, capim vetiver! Não consigo me distrair.

(*tempo*) Ouve-se Francis imitar o grunhido de um coiote.

FRANCIS – Você me diz quando parar?

TOM – (*berrando*) Tire-me daqui! Tire-me daqui! Francis, Me tira daqui.

FRANCIS – Um pouco mais. Você é forte, garoto!

TOM – Me tira daqui!

**QUADRO 8**

*Dia 7. Tom veste um casaco e um boné de fazenda. Na cozinha. Ele manca.*

TOM – *(ao telefone)* Como quiser... Tudo como você quiser... Não, não posso pegar meu carro... estou com problema nos pulsos... Na panturrilha também. Nada grave. Vou te contar... Eu sei disso já faz uma semana... Não sou fácil de encontrar... Bem, aqui não é bem bemum *cybercafé*... Sim, eu te disse que é longe... Tem o ônibus... Eu tenho dinheiro. Espera um segundo. *(Agathe entra)*  
Oi, Agathe!

AGATHE – Oi, garoto.

TOM – Eu te acordei?

AGATHE – Não

TOM – Eu tava falando alto?

AGATHE – Não.

TOM – Eu peguei o telefone.

AGATHE – Tudo bem.

TOM – Deveria ter te pedido permissão.

AGATHE – Tudo bem.

TOM – Meu celular não tá captando sinal.

AGATHE – É interurbano?

TOM – Não se preocupe, eu vou te reembolsar.

AGATHE – Eu quero falar com ela.

TOM – O quê?

AGATHE – É ela?

TOM – *(espantado)* Ahn... Sim, é ela.

AGATHE – Passe o telefone pra mim.

TOM – Ahn... *(ao telefone)* Ellen? ... A mãe... The mother... Agathe... quer falar com você... Want to speak with you... It's Ok? *(inquieto, ele passa o aparelho para Agathe)*.

AGATHE – *(surpresa)* Ellen. Eu sei que você não entende o que eu falo... Não... Eu não falo inglês... Eu quero dizer que você será bem-vinda... Welcome.

(*tempo*) Ela desligou. (*Agathe desliga.*) Nunca imaginei que eu ia falar com ela um dia.

TOM – (*sem saber o que responder*) Eu também não.

AGATHE – “Dois personagens com vestes resplandecentes aparecem em frente a duas mulheres: Por que procurais entre os mortos aquele que vive?”

TOM – Amém, Agathe, amém.

Agathe sai. Ao longe, escuta-se o cachorro ladrar. Tom entra no quarto e se surpreende com Francis que se divertia se penteando.

FRANCIS – (*se despenteando*) Será que poderia não fazer barulho? Tá chegando de onde?

TOM – Fui ajudar “cintura de Menina” com a mamada.

FRANCIS – Hein?

TOM – Nosso bezerro.

FRANCIS – A gente vai se virar.

TOM – Nunca!

FRANCIS – É assim que é.

TOM – Amanhã eu ligo para o veterinário. Eu pago tudo.

FRANCIS – Vá dormir!

TOM – Eu pegueiem meus braços. Eu entregueiele para a mãe. (*tempo*) Ele tava com muita sede. Eu ainda tenho medo que ela esmague ele.

FRANCIS – Vá dormir!

TOM – Ele ainda não tá conseguindo andar com apata machucada. Ele tremia. Posso dormir com você?

FRANCIS – Você viu o tamanho da cama?

TOM – Por favor.

FRANCIS – Você continua vestido.

TOM – Obrigado.

Tom se deita de costas para Francis.

FRANCIS – Você tá fedendo a estábulo.

TOM – Obrigado. (*admirado*) Tá sentindo o perfume?

FRANCIS – Quase nada.

TOM –(*rindo*) Você vai a um casamento?

FRANCIS – Uma garrafa velha que se arrastava.

*Tempo.*

TOM – Você tá com o cheiro do seu irmão. *Tempo.*

FRANCIS – Ele nunca ficou mais que um minuto em cima da fossa das vacas.

(*orgulhoso de Tom*) Você é um verdadeiro maluco! Ela se chamava Karine.

Tom se aconchega em Francis e toca seus cabelos.

TOM – Me diz quando parar!

### **QUADRO 9**

*Dia 9. Sara está sentada na mesa da cozinha em frente a Agathe, nervosa.*

*Sara se expressa através de um inglês aproximativo.*

AGATHE – Desculpe a bagunça. A gente ainda não voltou à rotina normal. A morte dele não foi prevista. É verdade que da cidade até aqui é muito chão. E de ônibus! Se eu soubesse que você vinha, tinha feito alguma massa. Você é muito bonita. Não sei por quê, mas quando te vi eu não gritei. Eu deveria. Uma mulher entra em sua própria casa e encontra uma estranha. Uma estranha que não entende uma maldita palavra que a gente fala pra ela. Tom falou um pouco de você. (*Francis entra*). Vem ver. Você reconhece ela?

FRANCIS – Porra!

SARA – *Oh, myGod.*

AGATHE – Ainda tá em choque, né?

FRANCIS – Porra!

SARA – *You'rethesame.*

AGATHE – Ela veio.

FRANCIS – Porra!

AGATHE – Você já xingou demais.

SARA – *It's a shock.*

AGATHE – Esse é o Francis. Meu mais velho.

SARA – *You're a perfectcopyofyourbrother.*

AGATHE – Francis, essa é a Ellen.

SARA – (*estendendo a mão*) *Mysincerecondolences.*

FRANCIS – Podemos saber o que ela veio fazer aqui?

AGATHE – Era a namorada do seu irmão!

FRANCIS – Ela deve entender alguma coisinha quando a gente fala?

SARA – *No. Believe me. I don't understand a word.*

FRANCIS – (*para Sara*) Nada?

SARA – *Sweetnothing.*

AGATHE – *(sem saber como continuar a conversa)* Ela ainda não fumou. Talvez ela não tenha mais cigarros.

FRANCIS – Ele tinha bom gosto, meu irmãozinho!

SARA – *I really don't understand a word.*

AGATHE – Vá chamar o Tom.

SARA – *Oh, yes! Please, Tom. I want to see Tom.*

FRANCIS – Ele tá alimentando as vacas.

SARA – Tom? *Feeding the animals? (rindo) Tom? The fancy Tom?*

AGATHE – *(tentando entendê-la)* Eu vou chamá-lo. *(Agathe aproveita para abraçar Sara, mas de costas. Um tempo. Sente-se o abraço triste de Agathe.)* Thankyou. Thank you.

*Agathesai.*

SARA – *(nervosa)* Your mother, she nice. I like be on a farm. This one is so typical. Few authentic point of view. That remind me when I was a little girl. On upon a time, I went to my uncle to visit his farm in the really north. Mu uncle was a really rich farmer with lot of lands... lot of equipment. I was afraid by the beef... you know the big one, the king of the cow.

FRANCIS – Você é ainda mais tesuda que na foto.

SARA – *Oh!*

FRANCIS – Tom me disse que você tinha olhos de sapo.

SARA – *Oh!*

FRANCIS – Não dá pra confiar no gosto de homens como ele. Para uma mentira, eu acho que meu irmão fez uma boa escolha.

SARA – *I don't understand.*

*Ameaçante, coloca a mão nos cabelos de Sara e os segura com força.*

FRANCIS – Eu não entendi sua ideia de visitar minha mãe, mas minha mãe tá contente por você estar aqui. (Ele segura ainda mais forte). É bom se virar e fazer minha mãe continuar contente por estar aqui.

SARA – Se você quer que sua mãe continue contente, me solta! Me solta!

FRANCIS – Por que você tá aqui?

SARA – Tom me disse que isso agradaria sua mãe. Tom é assim. Gosta de agradar. Ele me disse que eu só deveria dizer que era Ellen, falar inglês, e ele se ocuparia do resto. *(Francis a solta)*. Mas vamos combinar que foi mesmo uma ideia muito doida!



FRANCIS – Você deve ter uma dívida com ele, hein?

SARA – O namorado dele acabou de morrer. Não é uma dívida, é compaixão.

FRANCIS – Você deve quanto a ele?

SARA – Uns dois mil. Ele me disse que esqueceria tudo.

FRANCIS – Você é bem tesuda.

SARA – Bom, acho que você já gastou seu estoque de elogios. A propósito, eu não fumo.

TOM – (*entrando com Agathe. Ele fica bem feliz de vê-la. Ele tem uma caneca de leite*). Ellen!

SARA – (*Abalada por vê-lo tão mal*) Tom! Goodmorning... Afternoon... Evening! Hi!

TOM – *I appreciate enormously what you do. I shall Always be grateful to you. (Ele lhe oferece a caneca de leite com um grande sorriso)*. Experimente! Agrade a eles.

Sara experimenta o leite cremoso.

SARA – *It'sreally, really, reallycreamy.*

FRANCIS – É nata fresca.

SARA – (*inquieta com o aspecto de Tom, mas mantendo o sorriso*) *Whathappentoyou?*

TOM – *Nothing.*

SARA – *You look terrible.*

AGATHE – Faz tempo que não tinha tanta gente aqui em casa como agora.

TOM – Não precisa descongelar nada, mamãe. Ela tá fazendo uma visita rápida.

SARA – *How you call her?*

AGATHE – Como assim, uma visita rápida?! Ela vai dormir aqui. É estranho que você esteja aqui sem ela.

FRANCIS – (*para Sara*) Espere! Espere! Não se mexa.

Francis limpa com seu dedo o leite na comissura dos lábios de Sara. Ele lambe o dedo.

AGATHE – (*falando brava*) Francis!

FRANCIS – Diga a ela que meu irmão tinha um bom gosto.

AGATHE – É realmente o momento pra isso?

FRANCIS – Não posso fazer um elogio?

TOM – Ela agradece seu elogio, Francis.

AGATHE – Ela não disse nada, e você traduziu? (tempo; desconforto) Tom, diga que estou muito decepcionada por ela não ter vindo ao funeral.

SARA – *The brother is a fucking mad dog.*

TOM – (*criando pretexto para a tradução*) Ela não pôde vir. Não tinha força.

SARA – (*a respeito de Francis*) *He's scare me.*

TOM – (*continuando o jogo da tradução*) Muito sofrimento.

AGATHE – Quando sofremos muito, guardamos para nós mesmos? Eu imagino que isso é ser moderno.

SARA – (*para Tom*) *What's up with you. Your neck, your face, your pulsos?*

TOM – *Nothing serious.*

AGATHE – O que ela disse?

TOM – Ela disse que se arrepende.

AGATHE – É verdade que ele morreu na hora?

SARA – *I think that will cost you more than a thousand. You already own me few taxis. The one for the bus until here.*

TOM – Don't worry.

SARA – *Do you have a idea the number the stop this bus had to make before here? The taxi for this local locality to his house...*

TOM – Sim, ele morreu na hora.

AGATHE – Ela disse “táxi”. Eu ouvi “táxi”.

TOM – Ela chegou no local do acidente de táxi.

AGATHE – Você tinha falado que ela foi correndo. Não dá pra correr dentro de um táxi.

TOM – *Help me a bit, Ellen!*

SARA – *You said to his brother than I was ugly?*

TOM – Ela achou muito difícil não poder identificar o corpo com seus próprios olhos.

AGATHE – Pergunte a ela se ela quer beber alguma coisa.

SARA – *Yes, I have to kill this creamy taste in my mouth.*

TOM – Ela não bebe.

SARA – *Just a drink.*

AGATHE – Ela quer beber.

TOM – Ela não bebe.

AGATHE – Nós ainda sabemos como receber alguém. Vamos beber um copo à memória dele.

SARA – *The last bus will be tonight at nine.*

TOM – Ela agradece.

AGATHE – Tenho conhaque no meu quarto. Francis, vá buscar os copos. Os bonitos.

*Francis e Agathe saem.*

TOM – Eles trabalham da manhã até a noite. Até aos domingos. Eles vão à missa também. Daqui a pouco vou te apresentar “Cintura de Menina”. É meu bezerro. Ele se chama “Cintura de Menina” em minha homenagem. Eles têm os olhos mais doces da Terra. Francis trabalhou muito para o nascimento dele. O veterinário veio para olhar a pata. Foi no parto. A vaca tava em pé. Ele caiu do alto. Eu preciso levar ele até a mãe dele para cada mamada. Ele é bem pesado. À noite, preciso colocar o despertador. Francis me acha um pouco obcecado.

SARA – Vá pegar sua mala.

TOM – O quê?

SARA – A gente vai pegar seu carro. Eu vou dirigir.

TOM – Por quê?

SARA – Você tá cheio de roxos. Você nem consegue mais mexer suas mãos. Você tá me falando de um bezerro e limpando os olhos ao mesmo tempo. Você tá me fazendo experimentar leite fresco com um sorriso de exposição agrícola? Puta merda! Você chamou ela de mamãe!

TOM – Foi para agradá-la.

SARA – A gente não chama qualquer uma de “mamãe” para agradar. Agora há pouco, dentro do ônibus, quando eu peguei o único táxi desse lugar, eu ouvi alguém dizer: “Na bifurcação da rua 4, em frente a única casa com luz acesa!” Eu disse: No filme, sou eu a tonta que vai ter a cabeça arrancada quando a música parar? O que eles fizeram com você?

TOM – (*inquieto*) Se eu sair daqui, Francis vai ser obrigado a vender a fazenda. Você não tem ideia do trabalho que dá cuidar de quarenta e oito vacas. Francis vai ser obrigado a arranjar um outro lugar pra mãe morar por causa das histórias de Deus que ela vive contando. Francis, ele vive sozinho pois ele destruiu o rosto de outra pessoa! E tem também a garota que Francis queria

dar um presente. Ele nunca pôde dar para ela. Eu vou comprar uma ordenhadeira laser.

SARA – (não entendendo nada do que ele tá falando). Eu não sou uma grande amiga sua, mas me preocupo.

TOM – Eles são como minha família.

SARA – Não tem nem nove dias, você não conhece eles direito!

TOM – Não sei como te explicar. Aqui, as coisas são reais. Tem um cachorro que late e a gente escuta. Tem um padre que fala e a gente escuta. Tem um bezerro que nasce e tem sangue.

SARA – Você me fez vir aqui pra ser a falsa namorada de um morto, e você ainda me fala do que é real? Ok, seu namorado mentiu para a mãe dele. Verdade! Seu namorado mentiu pra você. Verdade! Também é verdade que seu namorado sempre mentia para todo mundo. Tem pessoas que passam a vida tentando desenvolver pelo menos um pouco da habilidade do seu namorado de transformar a verdade. (*tempo*). Eu transei com ele. Eu te digo isso e é totalmente banal. Não tem nada de espetacular porque ele fazia com todo o mundo. Se ele te dava uma carona, seja de moto no verão, de carro no inverno, era batata! Transar com ele era como ir à padaria. Tanto os garotos como as garotas. As garotas também, Tom, porque seu namorado conseguia mentir para ele mesmo. E como herança, ele te deixou o que ele sabia fazer de melhor!

*Tempo*

TOM – Quantas vezes? Quantas vezes? (*tempo*) Quantas vezes?

SARA – O quê?

TOM – Com você?

Tom não se mexe durante um certo tempo como se toda tristeza do mundo acabasse de atravessá-lo. Francis volta com os copos.

FRANCIS – Peguei os copos!

TOM – (*alto*) Vamos levá-la agora mesmo à estação.

FRANCIS – Ela acabou de chegar.

SARA – (*sarcástica*) A estação?

FRANCIS – O que aconteceu?

SARA – A estação? Não teria como perder a plataforma! A estação fica em frente ao bar!

TOM – Fala mais baixo!

SARA – Não vou ficar três horas dentro de um buraco esperando embaixo de um letreiro.

TOM – Fale em inglês!

SARA – Tudo isso porque... (*insinuante*) “Francis! Francis! Francis!”

FRANCIS – (*para Sara*) O que ele te contou? (*pegando Tom violentamente pelo pescoço*) O que ele te disse? O quê?

SARA – (*intervindo*) Ei! Solta ele! Machucar ele como você machucou, e ele ainda teimando em querer ficar aqui, não precisa me contar nada.

TOM – (*no limite do grito*) Quer fazer o favor de falar inglês, cacete!

AGATHE – (*voz off*) Eu escutei um palavrão.

SARA – (*chamando ao longe com um sotaque inglês*) Conhaque!

FRANCIS – (*para Tom*) Ainda não terminamos.

SARA – Conhaque!

FRANCIS – Vamos dizer para minha mãe que ela quer ir ao túmulo do meu irmão, e depois a gente leva ela no ônibus.

SARA – Ei! Eu vou pra onde?

FRANCIS – Ao cemitério.

TOM – (*ameaçando*) É o cemitério ou A fossa das vacas?

SARA – Ou o quê?

FRANCIS – Confie nele. Ele conhece o caminho.

TOM – Uma carcaça a mais ou a menos, ninguém vai notar.

Sara está assustada. Agathe vem com uma caixa de sapatos e a garrafa de conhaque.

AGATHE – Vocês estavam falando de quê?

FRANCIS – Ela tava falando da decoração da cozinha. (Todos olham para Francis com espanto). Ela achou a decoração bonita.

AGATHE coloca cerimoniosamente a caixa na mesa.

SARA – *Shoes! I like shoes!*

AGATHE – *Shoes!* Eu sei o que isso significa: “sapatos”. Não, Ellen, não são sapatos. (Ela abre a caixa e tira alguns objetos). O primeiro boletim escolar dele. O primeiro relógio de homem. Tem também bloquinhos de nota dele. Acho que são desenhos e alguns escritos pessoais também.

FRANCIS – (*inquieto*) Ele não levou junto?

AGATHE – Não. Ele deixou aqui.

FRANCIS – Você não abriu?

AGATHE – Sempre fui respeitosa com a intimidade de vocês. Sempre digo que se meus filhos têm alguma coisa a me dizer, que me digam. Se eles têm segredos, que não falem. Mas se o segredo levar eles a mentir, não são mais meus filhos. Você queria abrir algum, Tom?

TOM – (*melancólico*) Não!

AGATHE – Vamos ler um pouco. Para Ellen.

TOM – Ela não entende francês.

AGATHE – Só para ouvir sua voz. Estamos todos juntos.

FRANCIS – (*ameaçando*) Não é uma boa ideia ler isso, mamãe.

AGATHE – Tom, você também acha que não é uma boa ideia?

TOM – (*furioso*) Não tenho estômago para ler isso.

AGATHE – (*continuando a olhar o conteúdo da caixa*) Tem também a primeira gravata dele. Uma mecha do cabelo. Com dezoito anos ele tinha cabelo comprido. Muito bonitos. Você não traduz, Tom? (Cerimoniosamente ela fecha a tampa e entrega a caixa a Sara). É para você, Ellen. Isso tudo agora pertence a você.

TOM – *Fuck!*

AGATHE – Tom, você não traduz? Por que ela não quer pegar a caixa? Por que ela não faz nada que deveria fazer? Por que ela não veio para o funeral? Por que ela nunca tá emocionada? Por que não há sofrimento em suas roupas? Por que ela não pergunta qual o caminho para ir ao cemitério? Por que ela não me trouxe flores? Por que eu sinto que alguma coisa não tá bem? Por que na igreja Tom não falou nada? Por que tem alguma coisa que não tá encaixando? Quem era meu filho? Era quem? Ele não vinha mais nos ver. Fizemos alguma coisa para ele? Ele não ligava mais. Ele não nos escrevia mais. O que aconteceu no acidente dele? Não se morre com vinte e cinco anos. Por que eu me sinto inútil? Inútil.

FRANCIS – Pare, mamãe!

FRANCIS – Vou pegar cigarros!

SARA – Eu não fumo!

*Tempo*

TOM – Francis se transformou em gelo, mármore, cimento.

SARA – Eu nunca fumei, senhora.

TOM – irritar, gritar, explodir.

FRANCIS – (*para Tom*) Vamos levá-la à estação.

Francis pega a garrafa de conhaque e sai com Sara e Tom. Agathe abre um dos blocos de nota e o folheia.

## QUADRO 10

*Mesma noite.*

TOM – (*escuta-se ao fundo o tango e a chuva que cai*). Tá cheirando a gasolina. Tenho um cabo de pá nas minhas costas. O maxilar massacrado pelo seu soco na frente do porta-malas. Sinto frio. Durante trinta e sete minutos. Na escuridão do porta-malas do carro. Sou capaz de olhar as horas no meu relógio em retroprojeção. Trinta e sete minutos e tudo vira pó. Eu digo pó porque nunca sabemos em qual momento decidimos que tá terminado. No momento da ejaculação? Do último beijo? No momento em que um dos dois começa a falar da própria família. Eles beberam todo o conhaque. Sara estava tão bêbada que esqueceu completamente que o jogo tinha acabado. Ela ainda falava em inglês. “*Why do you put Tom in the truck?*” Foi aí que os trinta e sete minutos e o pó começaram. Coloquei meu cronômetro desde o segundo gemido de Sara. Eu conto então o primeiro gemido no que eu chamo de pó total. Durante trinta e sete minutos... (*fora de si*)

Francis transa com ela,

A penetra,

A arromba,

A escava,

A fuça,

A lavra,

A cavuca,

A perfura,

A fode,

A baba,

A encharca,

A molha,

A borrifa.

## QUADRO 11

*Dia 10. No cemitério. De manhã.*

AGATHE – São bem gentis, os voluntários. Eles não sabem fazer nada com seus dez dedos, mas são gentis. Mesmo não sendo capazes de nivelar a cova de um morto. A grama vai crescer toda torta. Eu disse ao Jeff: “É verdade que não custa nada enterrar um morto aqui. É tudo ajuda mútua. Nosso cemitério parece uma pista de motocross, mas é a ajuda mútua!” Vá pegar uma pá, a gente vai arrumar o terreno.

FRANCIS – Pensei que você quisesse só fazer uma oração. Não sabia que a gente fosse desbravar a terra de manhã.

AGATHE – É como eu, ontem, eu não sabia por que estavam rindo de mim. Vá buscar uma pá. Tem uma no seu porta-malas.

FRANCIS – Como você sabe?

AGATHE – Sempre teve uma pá no seu porta-malas. Você viu o Tom? Ele foi embora com a menina? Você perdeu a língua?

FRANCIS – Ele não foi embora.

AGATHE – Onde ele tá, então?

FRANCIS – Com a pá.

AGATHE – Eu não entendo.

FRANCIS – Eu acabei dormindo. Eu bebi. Eu esqueci no porta-malas.

AGATHE – A questão não é que você tenha esquecido, e sim que infernos ela faz dentro do seu porta-malas?

FRANCIS – Um jogo.

AGATHE – Tire do seu porta-malas e coloque a pá. Preciso falar com ela.

FRANCIS – (*tentando fazer uma piada*) Com a pá?

AGATHE – Você tá igual a menina de ontem. Você não consegue ser engraçado.



FRANCIS – Tá falando de Ellen?

AGATHE – Pare de achar que sou burra como uma porta, ok? Vá chamar o Tom e depois nos deixe a sós por alguns minutos. Aproveite o porta-malas durante esse tempo.

FRANCIS – Você tá brava?

AGATHE – Tive três homens na minha vida e agora só me resta o pior deles. Você sabe que não é obrigado a me encontrar morta no chão da cozinha para se livrar de mim. Você não é obrigado. Você pode ir embora quando quiser. Você é livre, Francis! Você é livre! Vá embora hoje, se quiser! Prefiro me tornar uma velha doida do que uma velha repleta de mentiras. Garoto mau!

A sombra de Tom que espiona a cena aparece.

FRANCIS – Você sabe que eu sempre vou estar aqui.

AGATHE – Eu li os cadernos do seu irmão!

FRANCIS – (*gritando*) Não precisava ler!

AGATHE – No dia que foi embora ele colocou eles em cima da minha cama. Eu sabia que ele tinha deixado para que eu lesse. Eu me fiz um favor de não tocá-los. Se meu filho não é capaz de me dizer o que ele tem pra falar cara-a-cara, bom... ele que guarde pra ele. Se meu filho vai embora sem me dizer por quê, não vai ser em um caderno que vou entender o por quê. Todas as frases que eu inventei para mim mesma para não abrir eles. (a sombra do Tom aparece no fundo. Ele está com uma pá). Naquela noite eu li os três cadernos como quem lê os livros de igreja quando procura a verdade. No primeiro: “Na floresta não. É perigoso. Blusa muito clara não. É perigoso. Uma corrente no pescoço. Dois não. Não olhar a bunda durante o banho. Xingar. Fumar. Bater. Um que ri de mim. Bater nele. Cerveja. Vinho não. Dois segundos nos olhos. Três não. Encontrar uma namorada. Ir à caça. Comer carne. A parada na estrada. Roubada. Subsolo do professor de educação física. Roubada.”

FRANCIS – Não precisava ler os cadernos!

AGATHE – No segundo caderno: “Se banhar na água fresca até ela nos levar. Olhar o sol até nossos olhos queimarem. Caminhar no primeiro gelo até que ele se quebre com nossos passos. Nos encontramos no alto do campo. Te amo, Paul.”

Como chamava o rapaz que você quebrou a cara no bar. (*tempo*). Em seu último caderno: “Essa noite, no bar, meu irmão que amo mais que tudo,

quebrou a cara do Paul, na minha frente. Paul que eu amo mais que tudo. Paul que queria falar de nós dois ao meu irmão... que eu amava mais que tudo.”

FRANCIS – Ele me disse: “Preciso conversar com você sobre seu irmão. É um assunto delicado. Estamos apaixonados. É um assunto delicado.”

AGATHE – *(ainda sobre o assunto dos cadernos)* “Ele quebrou a cara bonita do Paul. Eu vi tudo. Eu não levantei um dedo. Enquanto eu via ele sofrer, eu ouvia ele gritar, eu não o defendi. Eu não fiz nada. Eu acho que não se deve nunca dizer a verdade. Nunca.” *(A sombra de Tom desaparece.)*

FRANCIS – Se não fosse eu que calasse Paul, seria um outro, um dia, que calaria! Que eles zombem na cidade o tanto que quiserem, mas aqui, pelo pouco que nos resta, manteremos as coisas como devem ser.

AGATHE – Vá chamar o Tom! *(Francis vai no porta-malas)*. “Ele entrou em casa. Nós não reconhecemos ele. Ele se sentou à nossa mesa. Nós não reconhecemos ele. Ele falava coisas de amor. Nós não reconhecemos ele e aqueles que choravam foram até o túmulo, mas tava vazio.”

FRANCIS – *(voltando)* Ele não tá mais no porta-malas, puta merda! O porta-malastá vazio!

AGATHE – Amém, Francis. Amém.

FRANCIS – *(chamando com força)* Tom! Tom!

*Francis sai de novo.*

**QUADRO 12**

*Mesmo dia. No milharal*

TOM – Ele berra. Ele urra. Ele me pede pra ficar. De longe, ele fala que vai me explicar tudo. Ele me procura. Ele me pede perdão para me tentar me conter. Ele tá com medo. Sintoo coração dele bater. Ele me chama de novo. Eu fico à espreita. Eu ouço ele se aproximar. Não faço nenhum barulho.

VOZ DE FRANCIS – Tom! Tom!

TOM – Só o cachorro responde ao fundo. Nem Deus olha mais pra ele. Ele me procura como um doido no milharal. As folhas secas do milho batem em seu rosto. Ele não vê ninguém na frente dele. A primeira pancada com a pá eu dou na base da nuca dele. Um só grito. Seco. Ele cai. Foi covardia. Eu devia ter batido no rosto. Não teria como saber. Ele parece muito com você. O sol tá carregado de esperança. Eu bato de novo. Ele se levanta. Você é forte, garoto! Você é forte, garoto! Eu bato de novo. Ele cai. Você é forte, garoto. Respire. Respire. Ele não se mexe mais. Ao longe, as árvores estão vermelhas por causa do outono. Eu dou alguns chutes nele pra ver se ele ainda tá vivo. Ele ainda se mexe. Uma lebre. Francis é uma lebre. Ele tá com a boca sangrando. Minhas mãos na boca dele. Eu abro. Eu abro. “Me diga quando parar, garoto!” Ao nosso redor há plantas com folhas de ouro. Eu direi a Agathe que Francis foi para a cidade encontrar Sara.

*Preto.*

(Montreal, 11 de outubro de 2010)

### 3. RELATÓRIO DA TRADUÇÃO

Je suis Tom. Tom qui n'arrive pas à se lever, à se mettre debout, à se redresser. Tom vissé à sacheise. Enchaîné, retenu, soudé, cloué, collé à sacheise. Tom qui devrait lui offrir sa main. Tom qui devrait la prendre dans ses bras. (p.11)

Eu sou Tom. Tom que não consegue se levantar, se colocar de pé, se endireitar. Tom parafusado na cadeira. Acorrentado, preso, soldado, grudado, colado na cadeira. Tom que deveria estender a mão a ela. Tom que deveria abraçar ela.

Sabemos que o uso de sinônimos em um texto é muito importante para evitar repetições desnecessárias de termos que podem vir a empobrecer o texto e causar uma leitura monótona. No caso de Tom, o jovem conhecido pelos colegas do trabalho como “Sr. Sinônimo” por ser obcecado por achar equivalências para seus termos falados e pensados, não é bem assim que acontece. A impressão que temos ao conhecer o íntimo do personagem ao longo da obra é que ele faz uma escolha consciente da utilização de sinônimos como forma de provocar exatamente uma repetição, comprovação, legitimação da sua verdade.

Esse uso exagerado de termos sinônimos evidencia a eloquência, a educação, a inteligência e o amplo léxico do personagem, bem como uma necessidade de auto-aprovação, aceitação e imposição de si, já que ao utilizar a língua como um recurso sonoro, a repetição transmite pela acumulação de palavras ou sons similares uma maior força expressiva.

Ao traduzir o trecho em questão, utilizei dicionário para conhecer a equivalência dos termos franceses sublinhados, pois eles não faziam parte do meu léxico. Não são palavras que ouvimos e falamos diariamente e, portanto, eu desconhecia ou acabaram caindo em esquecimento.

Após consultar o dicionário, certifiquei-me de que em português os termos também estivessem no particípio para que se mantivesse o ritmo observado no texto fonte. (vissé, enchaîné, soudé, cloué.../ parafusado, acorrentado, soldado, grudado...)

|                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Francis labaise, la penetre, ladéfonce, lacreuse, lafouille, lalaboure, lapioche, lafore, lasalope, labave, l'arrose, lamouille, l'asperge. (p.54) |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Francis beija ela, penetra, arromba ela, escava, fuça, lavra, cavuca, perfura, fode ela, baba nela, encharca, molha ela, borriça. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Aqui, Tom continua utilizando sinônimos para enfatizar uma ação de Francis. Mas, neste caso, Tom usa vários termos que representam o trabalho agrário, como “escavar”, “lavar”, “perfurar” com conotação sexual.

Essa passagem do texto expõe a observação de Tom perante o momento violento e sensual vivido por Sara e Francis, comprovando a objetificação por meio da qual Tom enxerga o irmão mais velho tratar Sara, como se ela fosse a própria terra “escavada”, “lavrada”, “perfurada”. Esse fato evidencia um comportamento tipicamente machista e rural por parte de Francis.

A escolha desses termos nesse contexto por Tom é também uma forma de mostrar aproximação, e, quem sabe, uma afinidade criada com a fazenda onde ele se encontra e com tudo o que pertence a ela.

No trecho em francês, o autor faz uso de uma figura de linguagem que na língua portuguesa é chamada de anáfora, que consiste na repetição de uma ou mais palavras no início das frases, criando assim, um efeito de reforço e de coerência. A expressão em causa é posta em destaque, pela repetição, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Podemos dizer também que, neste caso, a reincidência do termo causa um som de “vai e vem”, como a imagem do ato sexual.

No caso da minha tradução, preferi eliminar essa repetição que deixaria, ao meu ver, a leitura pesada e sufocante. Utilizei outra figura de linguagem, a elipse, que é a omissão de um ou mais termos, sendo que essa omissão geralmente fica subentendida pelo contexto. (Francis beija ela, penetra [nela]...).

|                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Et l'espace entre elle et moi reprend sa place. "Jamais parlé de moi?" Dire quelque chose. J'ai évité un <u>orignal</u>. Sur la route. Un mâle avec un grand <u>panache</u>. (p.12)</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>E o espaço entre ela e eu retoma seu lugar. "Nunca falou de mim?" Preciso falar qualquer coisa. Me desviei de um <u>alce</u>. Na estrada. Um macho com <u>galhos</u> enormes.</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Nesse caso, está presente uma palavra com uso tipicamente quebequense.

Conhecido como "o rei das florestas canadenses", esse animal cervídeo é chamado de "orignal" pelos franco-canadenses, enquanto recebe a denominação "élan" nos países europeus falantes da língua francesa.

Essa diferença de termos usados em dois lugares que falam a mesma língua para designar o nosso "alce" tem como explicação a colonização sofrida pelos povos na época.

A origem do nome "orignal" é o basco *oreiñak*, que se pronuncia [orejnak] e significa "os cervídeos", "as renas" ou "os alces". A palavra é datada do século XVI, quando os bascos emigraram para a região do Quebec juntamente com os franceses para explorarem os novos territórios.

A tradução para essa palavra, apesar de não constar nos dicionários que eu pesquisei, não me pareceu difícil. Pelo fato de eu já ter morado no interior do Quebec há alguns anos, precisei apenas resgatar esse termo da minha memória lexical. Lembrei-me também do quão especial esse animal é para a cultura quebequense, a ponto de algumas famílias mais tradicionais terem galhos de alces pendurados em suas paredes, expostos como obra de arte, e comerem a carne nas comemorações especiais.

Mais uma observação interessante a ser apontada nesse trecho é a palavra "panache". Inicialmente foi fácil associá-la a "galhos" ou "galhadas", que são os

cornos próprios dos ruminantes, e, evidentemente o que caracteriza um alce. Porém, quando pesquisei no dicionário o significado do termo, obtive “plumas” e “penacho”. Repeti a pesquisa em outro dicionário e o resultado foi o mesmo. Sendo assim, recorri ao “Google imagens” para uma pesquisa mais real e encontrei a foto de um par de galhos de alce “perdida” no meio de tantas imagens de penachos feitos com penas. Esse fato me causou estranheza, pois os alces são animais comuns na América do Norte e Europa, o que seria suficiente para ter mais imagens relacionadas a eles no motor de busca. Entretanto, quando pesquisei a palavra mais a fundo, em um sítio de etimologias, descobri que além de “panache” vir do italiano *pennacchio* (buquê de plumas em cima de um chapéu) é também usada como gíria para designar os galhos de um alce no Quebec.

Essas palavras citadas acima não foram as únicas integrantes da língua franco-canadense encontradas ao longo da obra de Bouchard. Seguem alguns outros exemplos:

| <b>Termo na língua-fonte</b> | <b>Tradução em português</b> | <b>Frase na qual o termo se inseriu na obra</b>                                                               |
|------------------------------|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Chum                         | Namorado                     | “Son chum vient de mourir. C’est pas unedette, c’est de la compassion.” (p.46)                                |
| Blonde                       | Namorada                     | “Il voulait que je me fasse une blonde” (p.35)                                                                |
| Niaiseuse                    | Tonta                        | “Dans le film, c’est-y moi laniaiseuse que va se faire arracher la tête quand la musique vas’arrêter?” (p.49) |
| Croche                       | Torta                        | “L’herbe vapouser tout croche.” (p.55)                                                                        |
| maganer                      | Machucar                     | “Magané comme tu l’as magané puis qu’ils’acharne à vouloir restre ici, il a pas besoin                        |

|  |  |                      |
|--|--|----------------------|
|  |  | de raconter.” (p.51) |
|--|--|----------------------|

|                                                         |
|---------------------------------------------------------|
| Moi, <u>laveuve-garçon</u> , jesors de l'église. (p.18) |
| Eu, <u>ojovem-viúva</u> , saio da igreja.               |

Esse termo talvez tenha sido, em todo o trabalho, aquele que me provocou mais inquietação. Passei por várias tentativas bizarras até chegar em “jovem-viúva” como equivalência de “veuve-garçon”. Interroguei-me por diversas vezes: Por que o autor simplesmente não escreveu “veuf” (viúvo) no lugar?

Eu, no papel de tradutora, acho imperioso fazer um trabalho de tradução no qual eu seja não apenas fiel ao sentido, mas também criteriosa na conservação do entusiasmo e desatino do autor. Bouchard usou de uma complexidade ideológica fazendo (des)combinações de gênero para criar um termo em que representasse Tom como um personagem metade homem, metade mulher. Essa metade mulher se deve ao fato de Tom ser um rapaz sensível, carinhoso, complacente, nostálgico, delicado e vaidoso, características normalmente associadas a mulheres. Mantive essa dicotomia na tradução para justamente causar uma estranheza inicial seguida de uma reflexão, assim como o termo em francês.

Entre as minhas tentativas de tradução, estiveram presentes as expressões “viúva-garoto”, que não causou o impacto que eu desejava, “viuvinha”, que provocou um resultado feminino demais para o personagem que é homem. “Viúvo-fêmea”, invertendo o gênero das palavras, mas percebi que a ideia transmitida seria oposta àquela do autor. Por fim, pensei em “namorada do defunto”, o que colocava Tom em uma posição demasiadamente feminina, mais uma vez. Jovem-viúva foi a que me pareceu mais pertinente, pois apesar de representar o luto intenso e sentimental vivido por Tom, como acontece com uma viúva quando perde seu marido, ainda está presente o termo “masculino” na expressão “o jovem”.

|                                                                                                          |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Le vendeur de parfum te <u>faisait de l'oeil</u> . Une espèce de squeletteavecdespetitesmanières. (p.16) |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|



O vendedor de perfume não tirava o olho de você. Uma figura esquelética cheia de trejeitos.

Esse trecho na língua de partida a princípio me causou estranheza. Como eu desconhecia a expressão “faire de l’oeil” significando “cortejar”, “olhar com interesse”, me pareceu conveniente fazer a seguinte tradução: “O vendedor de perfume fazia tudo no olho”. Considerei inicialmente que o comerciante de perfumes fosse bom no desempenho de sua função a ponto de não precisar de receitas ou teorias e pudesse fabricar as fragrâncias “no olho”.

Porém, a frase ficou desconexa, perdida no contexto geral do parágrafo, afinal não teria motivo para o autor colocar uma informação que desviasse a atenção do foco principal da cena, que era Tom.

Após encontrar o verdadeiro significado da expressão, a tradução voltou à fluidez desejada.

En une seconde, y a eu plus de paroles sacrées que duranttoutelacérémonie.  
(p.21)

Em um segundo, teve mais palavrão no ar do que ‘améns’ durante a cerimônia

Este trecho foi interessante traduzir devido às especificidades culturais que ele contém, que confere uma ambiguidade ao termo “paroles sacrées” que na conjuntura não significa “palavras sagradas” em sua literalidade, e sim “palavrões”. A língua quebequense possui uma particularidade no que diz respeito aos palavrões: ela serve-se de elocuições sagradas para provocar insulto e praguejamento.

Sendo assim, é importante contextualizar o caso desses palavrões na cultura franco-canadense, que carregam algumas heranças históricas peculiares:

Os palavrões quebequenses são advindos de termos referentes à religião católica, à eucaristia e comunhão. São utilizados como interjeições para intensificar uma emoção, geralmente raiva, descontentamento, dor e frustração. A maioria das pessoas os utiliza em diferentes contextos e, apesar de algumas julgarem os palavrões como uma linguagem vulgar, eles estão

presentes em todas as classes sociais, e hoje fazem parte da identidade de Quebec.

Conhecida como “*jurons*” fora de Quebec, “*sacre*” é uma palavra que significa “sagrado”, “consagrado” embora a igreja católica condene o seu uso.

A utilização de nomes relacionados a Deus e à Virgem Maria não é um costume recente: “*lescorpsDieu*”, “*par lamortDieu*”, “*ventre Dieu*” e “*par nostreDame*” foram termos empregados para expressar descontentamento na Idade Média. Do governo de Luís I (826) até o de Luís XIV (1666) os palavrões foram censurados pelas realezas da época, que impunham castigos severos aos que os pronunciassem, podendo ser mutilações ou até a morte.

A Nova França conheceu as mesmas leis, porém com aplicações mais amenas devido ao grande número de protestantes no país.

Com o passar do tempo essas palavras “sacras” foram se modificando e dando espaço para as que são utilizadas hoje em dia, por exemplo:

| <b>Palavra original</b> | <b>Variação morfológica</b> | <b>Variação morfológica e sugestão fonética para hoje em dia</b> |
|-------------------------|-----------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Christ                  | Criss                       | Criff                                                            |
| Calice                  | Câlisse                     | Câlin                                                            |
| Hostie                  | Osti                        | Estou                                                            |
| Tabernacle              | Tabarnak                    | Tabarnouche                                                      |
| Ciboire                 | Ciboire                     | Cibolaque                                                        |
| Calvaire                | Calvaire                    | Calvasse                                                         |

|                                                |
|------------------------------------------------|
| Danslechamp. À labrunante. Um chienjappeuloïn. |
|------------------------------------------------|

|                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------|
| Eles estão no campo. O sol se pondo. Um cachorro late ao fundo. |
|-----------------------------------------------------------------|

De acordo com o dicionário Larousse, “à labrunante” é uma expressão de Quebec que significa “no crepúsculo”. Como esse termo não é muito utilizado em português, optei por “o sol se pondo”, pois a ideia de luminosidade com intensidade decrescente é mantida.

|                          |
|--------------------------|
| La peur de mavie! (p.30) |
|--------------------------|

|                |
|----------------|
| Morri de medo! |
|----------------|

Esse trecho pode nos levar à questão de expressões idiomáticas. Sempre que possível, ao longo do meu texto, procurei traduzi-las por uma forma que transmitisse a mesma ideia. É o caso de “La peur de mavie”, cuja tradução literal seria “O medo da minha vida”. O sentido seria prejudicado com essa transposição tão fiel. Fez-se necessário então que eu buscasse uma equivalência dinâmica e traduzisse a ideia - que é um medo grande a ponto de ser considerado como um dos maiores da vida da personagem Agathe. A expressão em português correspondente a essa ideia hiperbólica do medo é “morri de medo”, muito usada em nosso dia-a-dia, na oralidade. Sendo assim, a escolha ocorreu de uma forma espontânea.

|                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Là, elle est encore assez à ele, mais ellehallucinepas mal avecseshistoires de religion. Je me donne encore cinqans avant que çadérapecommeilfaut. (p.39) |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Agora ela ainda tá numa boa, mas ela alucina demais com essas histórias de religião. Eu dou cinco anos pra ela pirar de vez. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Agathe, a mãe, senhora amorosa e religiosa, experimenta a dor da perda de um filho, seguido do falecimento de seu marido. A personagem ilustra bem a tradição rural da mulher como dona de casa, sempre na cozinha, preparando alimentos e preocupada com o bem-estar das pessoas que chegam para visitar.

Através das falas de Agathe, depreende-se um apego fervoroso a Deus, e por vezes exagerado. Percebemos essa devoção da personagem quando ela

insiste em incluir Deus ou alguma passagem da Bíblia em suas falas, por vezes de modo aleatório.

O processo tradutório da primeira oração “*Là, elle est encore assez à elle*” apresentou certas dificuldades, pois foram necessárias algumas pesquisas sem uma solução aparente à expressão. Após perceber que se tratava de uma colocação típica da oralidade, uma gíria, optei traduzir por “Agora ela ainda tá numa boa”, que é uma expressão comum na língua portuguesa falada, e também para contrapor com a oração seguinte, na qual Agathe é mencionada como obcecada, alucinada com assuntos religiosos.

O termo “pas mal” está empregado, nesse contexto, para intensificar o verbo “*halluciner*”. Por esse motivo, em português foi empregado o advérbio de intensidade “muito”.

Já verbo francês “*déraper*” literalmente significa “derrapar”. Considerando a expressão no sentido de “sair do controle”, procurei uma solução que fosse mais condizente com a oralidade e com o sentido figurado desejado pelo autor, e optei por “pirar de vez”.

|                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Qu'ils se débauchent em ville autant qu'ils veulent mais ici, pour le petit peu qu'il nous reste, on va garder ça propre. (p.57) |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

|                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Que eles se pervertam na cidade o tanto que quiserem, mas aqui, pelo pouco que nos resta, a gente mantém as coisas como devem ser. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Para um tradutor, não basta traduzir palavra por palavra, é necessário que ele identifique as extensões de sentidos e busque as soluções que lhe parecem mais convenientes.

Neste caso, o significado de “*propre*” (limpo) não figurou a melhor escolha para a transposição, uma vez que em português o adjetivo “limpo” nos remete ao que é isento de sujeira, e não ao que é devido ou adequado, que é a ideia transmitida com “manter as coisas como devem ser”.

|                                                      |
|------------------------------------------------------|
| Adjoint à l'artistique dans une boîte de pub. (p.14) |
|------------------------------------------------------|

## Assistente artístico em uma agência de publicidade

Temos aqui um problema: *boîte* em francês é gíria para ‘empresa’, ‘firma’, mas pode ser usada também como local onde as pessoas vão para dançar. A palavra assumiu, ao longo da obra, os dois sentidos.

Inicialmente a tradução pretendida para a oração em francês foi “Assistente artístico em uma boate”, pois *boîte* e *pub*, no meu léxico, sempre foram sinônimas, e denominavam o local no qual as pessoas iam se divertir. Entretanto, à medida em que eu avançava na leitura da peça percebi que a profissão de Tom não tinha nenhuma relação com a vida noturna. Iniciei, então, uma pesquisa para solucionar essa questão, e encontrei *boîte* denominando empresa, e *pub*, publicidade.

O autor depois retoma a palavra “*boîte*” na peça, mas dessa vez significando “boate”, e recebeu essa tradução.

Vale destacar que equívocos na tradução, como o que eu havia cometido inicialmente, podem significar grandes falhas na informação e deturpar o sentido final do texto, o que um tradutor deve evitar ao máximo.

#### 4. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ZAVAGLIA Adriana, XATARA Cláudia, PARREIRA DA SILVA Maria Cristina, Xeretando a Linguagem – Francês, Disal, 2010, p.11-36

RIPERT Pierre, Dictionnaire des Synonymes de La langue française, Classiques Français, 1993

LAROUSSE, Dicionário francês-português – português-francês, Larousse, 2009

Dicionário online Linguee. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/frances-portugues>

Dicionário online Reverso. Disponível em: <http://dicionario.reverso.net/frances-portugues/>

## **5. ANEXO – TEXTO DE PARTIDA**